ROBERTO GÓMEZ BOLAÑOS

DIÁRIO DO CHAVES



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





DIÁRIO DO CHAVES



ROBERTO GÓMEZ BOLADOS

Tradução Fabiana Camargo

Prefácio

Por Roberto Gómez Bolanos

Suas calças folgadas tinham mais retalhos e remendos do que tecido

original. Eram precariamente presas por duas tiras de tecido que funcionavam

como suspensórios, atravessadas sobre uma camiseta velha e desbotada, na qual também predominavam retalhos e remendos. Calçava botas de peão, que evidentemente tinham sido de um adulto. Porém, o mais característico de suas roupas era o velho gorro com tapa-orelhas, que em dias frios não deveria ter sido de pouca utilidade, mas que, quando o conheci, em pleno verão, não fazia mais que acentuar o grotesco de sua figura.

- Graxa, senhor? - perguntou ele, mostrando a caixinha de engraxate. E estive a ponto de responder que não, já que meus sapatos estavam em muito bom estado, mas de repente me veio um pressentimento, essa coisa que nos faz tomar decisões sem nenhuma razão óbvia. Sendo assim, respondi afirmativamente.

Eu estava sentado num desses lindos bancos de ferro fundido trabalhado que ainda existem em alguns parques da cidade. Ele se acomodou no banquinho portátil que fazia parte de seu equipamento de trabalho e começou a realizar sua tarefa com um entusiasmo incomum. Então o observei com mais atenção e, nesse instante, compreendi qual havia sido a razão do meu pressentimento: aquele menino era a perfeita encarnação da ternura.

Deu muito trabalho iniciar uma conversa com ele, porque era óbvio que minhas perguntas provocavam o receio natural de quem está acostumado a receber muito pouco - quase nada, eu diria - dos outros.

- Como você se chama? — perguntei.

- Dá no mesmo, não?

- ... O que é que dá no mesmo?

- Dá no mesmo como eu me chame, mas, se quer saber, todos me

chamam de Chaves.

- Quantos anos você tem? - continuei.

- Minha idade são os anos que eu tenho.

- Então, quantos anos você tem?

- Oito, acho...

- Onde você nasceu?

- Não posso me lembrar, porque eu era muito pequenininho quando nasci.

Foi aí que resolvi dar um tempo, na tentativa de que ele mesmo retomasse a conversa, mas ficou claro que sua timidez o impedia. Por isso, eu também interrompi o interrogatório.

Dei-lhe uma boa gorjeta quando acabou de engraxar meus sapatos. Isso fez aparecer em seus olhos um brilho que antes esteve ausente, e ele imediatamente começou a dançar e a exclamar:

— Com isso posso comprar um sanduíche de presunto... Ou dois... Ou três...!

E, em seguida, dizendo um rápido e entusiasmado "obrigado", pegou rapidamente suas ferramentas de trabalho e saiu correndo em direção à rua, onde começou a driblar o intenso trânsito de automóveis com a destreza que só os meninos de rua das cidades grandes têm. Enquanto o perdia de vista, tornei a ouvir as palavras que pareciam mágicas: "sanduíche de presunto!" Foi aí que encontrei o caderno.

1 Em nenhuma parte do manuscrito estava escrita a palavra "diário", mas tomei a liberdade de assim chamá-lo, em vez de "notas", "apontamentos" ou algo do gênero, porque apesar de não seguir uma ordem cronológica, a palavra "diário" pareceu-me mais de acordo com o tom intimista que caracteriza o conteúdo do velho caderno.

OBS.: Evidentemente, o manuscrito tem uma infinidade de erros gramaticais, de sintaxe etc. Portanto,

me vi obrigado a corrigi-los, mas tentando, sempre que possível, manter o sabor original. Algumas vezes, por exemplo, tive que dar forma à frase que estava ligeiramente sugerida, e em outras (muitas) tive que chegar a acrescentar ou suprimir frases e palavras.

Além disso, tive de fazer uma certa reorganização dos parágrafos; porém, não modifiquei a aparente

desordem com que se narram os acontecimentos ou comentários do Chaves.



Ele tinha esquecido num canto do banco em que eu estava sentado. E era

fácil supor que pertencesse ao Chaves, porque seu lastimável estado condizia

com o dono. Era um caderno comum, que mostrava com toda clareza o uso

contínuo a que estivera submetido. Da capa de papelão não restava mais que

pequenos e irregulares pedaços manchados de graxa, poeira, suor e sabe-se lá o

que mais! As folhas, algumas até incompletas, estavam enroladas nas pontas e

também exibiam uma grande, quantidade de manchas, das mais variadas origens;

porém, nelas estava o manuscrito mais espontâneo que meus olhos já poderiam ter visto: o diário do Chaves!

A primeira vez que li o diário senti o remorso de quem sabe que está violando a privacidade de alguém. Mas, quando li pela segunda vez, essa sensação foi se transformando numa inquietude, que depois passou ao riso, à tristeza e ao medo. Então me convenci de que era preciso dar às pessoas a oportunidade de conhecer este mundo estranhamente otimista no qual pode crescer uma criança a quem falta tudo, menos aquilo que continua a ser o motor do universo: a fé.



Diário

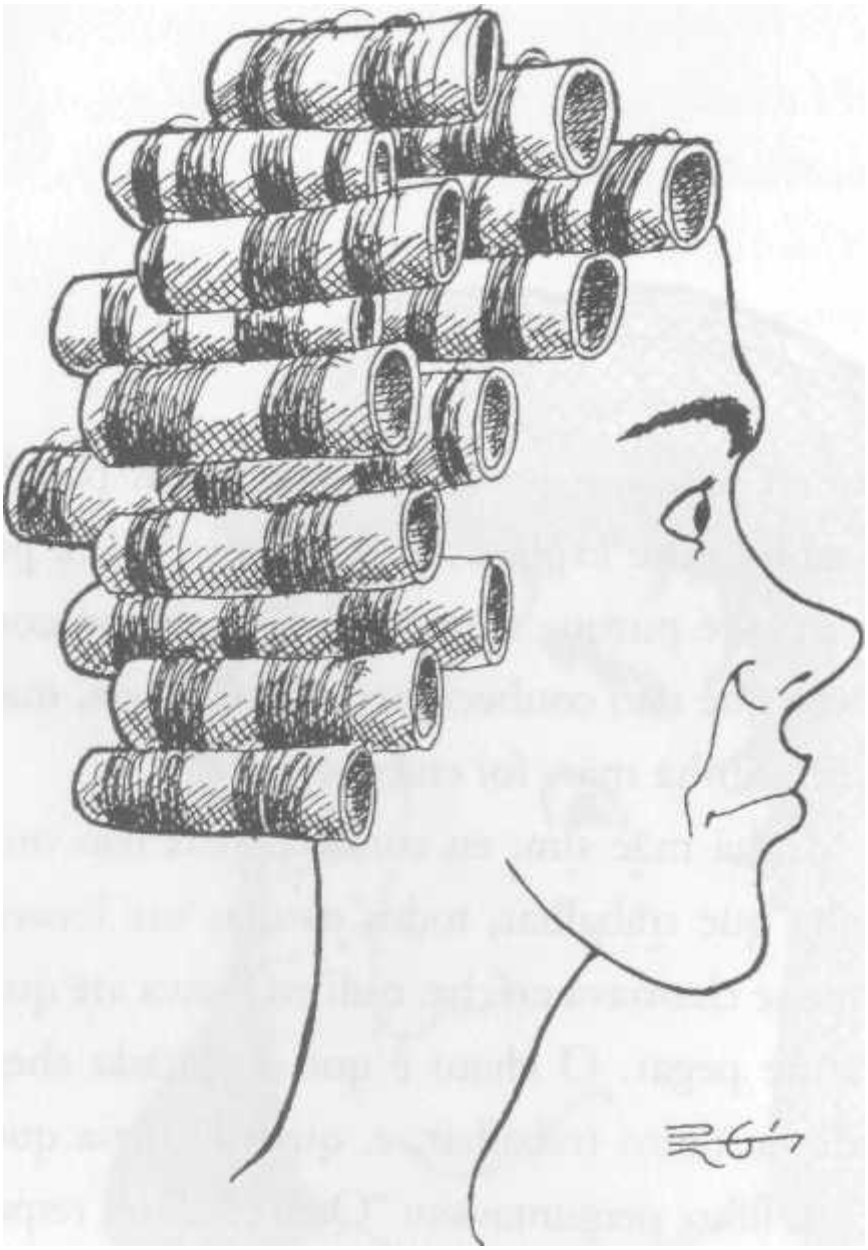
Por Chaves

Antes eu pensava que nunca tivera um pai. Mas depois meus amigos me explicaram que isso não era possível; que quem nasce é porque antes seu pai se deitou com sua mãe. Acontece que não conheci meu pai. Ou seja, mal ele se deitou com minha mãe, foi embora.

Minha mãe sim, eu conheci, mas não muito. Como ela tinha que trabalhar, todos os dias me levava para uma casa que se chamava creche, e ali eu ficava até que ela voltasse pra me pegar. O chato é que a coitada chegava muito cansada de tanto trabalhar, e, quando dizia que vinha pra pegar seu filho, perguntavam: "Qual é?" E ela respondia: "Não sei, um desses." E entregavam a criança que estivesse mais à mão. E, claro, nem sempre era a mesma criança.

O que significa que o mais certo é que eu não seja eu.

Um dia minha mãe não passou pra me pegar. E nos outros dias também não.



Dona Florinda

Apesar de tudo, eu gostaria de ter uma mãe. Há tantas, que não sei por que não tive a sorte de ter uma, mesmo que não fosse a melhor. Claro que tem muitas mães que têm vários filhos, mas existem outras que têm no máximo um, como é o caso de Dona Florinda. Ou seja, Quico tem uma mãe inteirinha só pra ele. E o boboca se porta mal e a desobedece. Eu digo a ele pra não ser burro, pra não desperdiçar isso.

Também gostaria de ter um pai, mas não como Seu Madruga, que é o pai da Chiquinha, porque Seu Madruga bate muito.

Bem, Dona Florinda também bate muito, mas não em seu filho... Ela só bate no Seu Madruga.

Seu Madruga é muito burro. E dizem que os filhos saem iguais aos pais, mas não é verdade, porque a Chiquinha não é burra. Mas ela é igual a seu pai na preguiça, por isso não gosta da escola.

Eu também queria ter uma tia.

Ou um cachorro.

Ou alguma coisa.

Lembro que há muito tempo me levaram pra morar numa casa que era um orfanato, onde todas as crianças eram órfãs.

A principal responsável de lá era a senhora Martina, que estava sempre de mau humor e batia em todas as crianças. Uma vez até tirou sangue do meu nariz e depois se irritou porque minha roupa ficou manchada de sangue, e depois ainda me castigou me deixando um dia sem comer. Desde então tive muito cuidado pra

que não saísse mais sangue do meu nariz, e a única vez que falhei foi um dia em que tropecei e dei de cara num degrau que tinha lá. Mas a senhora Martina não chegou a perceber, porque fui rapidamente à lavanderia e lavei minha roupa. A única coisa chata foi que tive que botar a roupa de novo enquanto ela ainda estava molhada, então ela me perguntou por que minha roupa estava molhada, e eu disse que tinha chovido em mim. Mas ela disse que eu era um mentiroso, porque fazia dois meses que não chovia.

E me castigou me deixando outro dia sem comer.

O orfanato tinha um menino maior do que eu, chamado Cente (de Vicente), que era meu melhor amigo. O chato é que Cente vivia doente. E assim foi, até que ele morreu.





Às vezes iam ao orfanato umas senhoras para olhar as crianças. Depois escolhiam as que mais gostavam e as levavam pra morar com elas. Eu tinha muita vontade de que me escolhessem, mas elas sempre escolhiam os mais bonitos; ou seja, nunca saí, porque era tão feio que, quando brincávamos de esconder, os outros meninos preferiam perder a me encontrar.

.Depois, como o tempo passava e a senhora Martina batia cada vez mais na gente, pensei que o melhor seria fugir do orfanato. Mas nunca me ocorreu como fazer isso. Isso acontecia porque eu era burro e portanto me faltava imaginação para ter boas idéias.

Então tive dois motivos pra ficar triste: um, o fato de não poder escapar; e dois, perceber o quanto era burro.

Um dia, fiquei tão triste que comecei a chorar, e a senhora Martina me

perguntou por que eu estava chorando. Não tive outra escapatória senão confessar que queria sair dali. Então ela me disse: "Se tivesse dito antes...", e abriu a porta.

Caminhei por muitas ruas que não conhecia. Não eram ruas muito bonitas, como as que aparecem nos filmes da televisão; mas também não eram muito feias, como as que também podemos ver na televisão.

Mas o pior de tudo era a fome que eu tinha.

Porque nesta vida o mais importante é comer.

Por isso entrei no mercado, onde havia muitas coisas de comer. O chato é que eu não tinha dinheiro pra comprar essas coisas. Então pensei em roubar algo, mas me lembrei que roubar era pecado, ainda mais quando a coisa pertence à outra pessoa. Foi por isso que pedi que me dessem alguma coisa, e uma senhora me deu de presente duas cenouras. Mas o melhor foi no dia seguinte, quando um senhor me deu um sanduíche de presunto. Não deve ter nada mais gostoso nesta vida!

Tinha outro senhor que também era muito bom e me deixava dormir nos carros de que ele tomava conta de noite. Em troca, eu tinha de carregar baldes de água para que ele pudesse lavar os carros. Mas o senhor era tão bom que não só me convidava para dormir nos carros, como também, às vezes, convidava algumas moças e ainda ficava fazendo companhia para elas.

Um dia, caminhando, cheguei a um beco muito escuro e comecei a ficar com medo. Então comecei a andar mais rápido, mas a única coisa que consegui foi chegar a outro beco que estava ainda mais escuro que o anterior, e senti mais

medo ainda. Continuei correndo até que cheguei a um lugar que tinha um pouco de luz. Era uma espécie de terreno baldio, onde tinha muito lixo e muitas sobras. Também havia cachorros procurando coisas no lixo.

E também tinha crianças. Eram uns oito ou nove meninos.

Quase todos eram mais velhos do que eu, menos dois, que eram mais novos, ou pareciam.

O mais velho era o Maneta. Depois me explicaram que o chamavam assim porque fazia tempo que tinham cortado uma das mãos dele. Isto é, tiveram que cortar sua mão porque ela tinha infeccionado muito. Mas ainda restava a outra, com que batia mais forte que todos. Por isso, todo mundo obedecia a ele.

Quando me aproximei deles, a primeira coisa que me chamou a atenção foi que um dos meninos estava pintando o rosto. Este era o Mane. Ele sabia fazer esse negócio de jogar três bolinhas pra cima sem que nenhuma caísse. Segundo ele me contou, fazia isso numa esquina próxima de um sinal de trânsito que fica muito tempo no vermelho, o que faz com que os carros fiquem parados um tempão. Aí, ele e outro menino ficavam fazendo isso, jogando bolinhas pra cima, pra depois ganhar umas gorjetas. O outro menino se chamava Coelho, mas esse não sabia fazer malabarismo com bolinhas. O que Coelho fazia era se agachar para que o Mane montasse nele, pois assim era mais fácil que os motoristas o vissem jogando as bolinhas pra cima.

Eu queria perguntar mais coisas, mas nesse momento o Maneta ordenou que Manasse terminasse logo de pintar a cara. Mane fez o que ele disse e logo saiu dali com Coelho. Quer dizer, foram pra esquina do sinal vermelho que demora.

Os outros meninos não falavam quase nada e sequer perguntaram quem eu era ou de onde vinha. Uns ficavam só me olhando, outros diziam coisas que eu não entendia. Eu não sei por que, mas comecei a ficar com um medo danado.

Pouco depois, o Maneta começou a fumar e em seguida passou o cigarro para o menino que estava ao lado dele. Este deu apenas uma tragada e o passou adiante. E os outros fizeram o mesmo, até que o cigarro chegou a mim. Então também dei uma tragada, mas me deu uma tosse horrível. Uns começaram a rir de mim, enquanto outros me olhavam como se quisessem me perguntar alguma coisa. Mas não me perguntaram nada, só que me tiraram o cigarro.

Eles também tinham uma bolsa de plástico com uma coisa dentro; algo que cheirava como as oficinas mecânicas onde se pintam carros. Mas eu não tive muito tempo pra cheirar, porque neste momento chegou o Mane dizendo que o Coelho havia batido as botas. Ou seja: estava dizendo que ele estava morto, e aí todos saíram correndo.

Fui o último a chegar, mas também vi o Coelho ali no asfalto, sem se mover e coberto de sangue. Mas eu não quis me aproximar muito, porque comecei a sentir uma coisa muito estranha; quer dizer, como se eu estivesse com vontade de vomitar. Mas vomitar o que, se eu não tinha comido nada?

Mane também não se aproximou muito. Talvez porque não quisesse que os outros percebessem que estava chorando. Se bem que não dava pra notar muito, porque as lágrimas pareciam fazer parte da pintura que tinha no rosto.

Foi aí que me deu muita vontade de sair correndo. E foi o que fiz: corri e corri, sem parar pra nada.

Nunca mais voltei a ver esses meninos. Quer dizer, sim, voltei a vê-los,

mas só em sonhos. E sempre que isso acontece, acordo ofegante e como se estivesse com muito frio.

Um dia, eu estava indo por outra rua que não conhecia, ando começou a chover muito. Aí entrei numa vila daquelas. E desde então moro ali.

Primeiro, fiquei na casa número 8, onde vivia uma senhora muito velhinha, que disse que eu parecia muito com um neto dela.

Esta velhinha da casa 8 tinha mãos que tremiam muito, o que impedia que ela fizesse muitas coisas. Por isso, eu a ajudava.

Mas ela sempre dizia: "Deus há de me fazer o milagre de, ao menos uma vez, parar de tremer minhas mãos."

Até que um dia cheguei a casa e percebi que suas mãos não tremiam mais, e ela estava toda quietinha, quietinha.

Acho que no dia seguinte a enterraram.

Pouco depois chegou outra pessoa para ocupar a casa 8 e tive de sair dali.

Porém, como eu já tinha muitos amigos na vizinhança, um dia me convidavam pra dormir em uma casa, outro dia em outra. E é assim até hoje. Porque não é verdade que vivo num barril, como dizem uns e outros por aí. O que acontece é que me escondo no barril quando não quero que percebam que estou chorando. E também quando não quero ver ninguém. Ou quando tenho muita coisa pra pensar.

De qualquer jeito, as pessoas se acostumaram a me chamar de Chaves2, e é assim que me chamam até hoje.

2. Em espanhol, El Chavo dei Ocho, que significa "o menino da casa oito". (N. da E.)



Professor Girafales

A. Chiquinha disse que o Professor Girafales está apaixonado pela Dona Florinda, e que, por isso, quando está diante dela, os olhos dele ficam parecendo os de um boi doente.

E disse que Dona Florinda também está apaixonada pelo Professor Girafales. Que dá pra ver que ela também está porque fica rindo como uma idiota cada vez que o professor vem à vila, o que acontece quase todo dia.

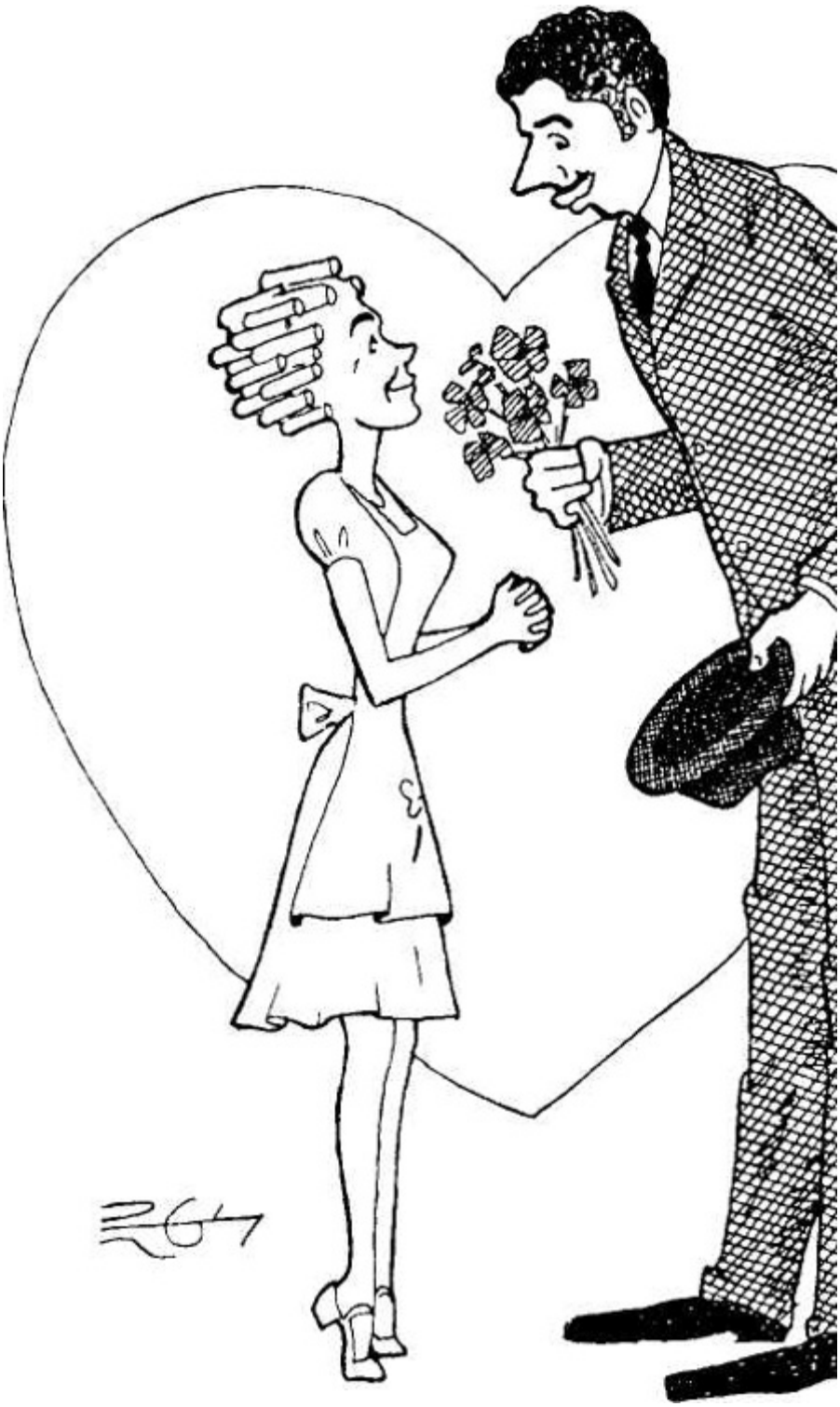
Dona Florinda o recebe dizendo sempre a mesma coisa:

- Professor Girafales!

E o Professor também responde sempre o mesmo:

- Dona Florinda!

- Que milagre o senhor por aqui! — diz ela.



- Vim trazer-lhe este humilde presente - diz ele, lhe entregando um buquê de flores que também parece ser sempre o mesmo.

- São lindas - diz ela. - Não quer entrar para tomar uma xícara de café?

- Não seria muito incômodo?

- Mas é claro que não! Entre!

- Depois da senhora.

E os dois entram na casa da Dona Florinda.

Mas ninguém sabe o que tanto eles fazem ali dentro.

Quico também é órfão. Mas não tanto quanto eu, porque ele tem mãe, que é a Dona Florinda; a única coisa que falta pra ele é um pai.

Segundo Dona Florinda, o que aconteceu foi que seu marido morreu quando Quico estava apenas começando a pronunciar suas primeiras palavras, ou como disse a Chiquinha: "Quando Quico estava começando a dizer suas primeiras abobrinhas."

Nessa época, o pai de Quico trabalhava como marinheiro, mas Dona Florinda disse que Dom Frederico (esse era o nome do pai do Quico) não era apenas marinheiro, mas também capitão do navio; e que, por isso, eles tiveram mais dinheiro que o próprio Senhor Barriga.

Então Nhonho disse que isso era mentira, já que seu pai é o dono de toda a vila.

Mas Dona Florinda disse que sim, que eles tinham sido riquíssimos; e que o que aconteceu foi que, depois de ficar viúva, não conseguiu bons empregos, e, portanto, foi tendo cada vez menos dinheiro. Ou seja, agora não tem outro jeito senão conviver com a gentalha, que somos eu, a Chiquinha e todos os outros.

Tempos depois nos demos conta de que talvez fosse verdade o que dizia Dona Florinda, pois um dia nos mostrou uma fotografia do Dom Frederico, e vimos que ele realmente usava um uniforme branco muito bonito.

Mas o uniforme era a única coisa bonita, porque o homem era horrível.

Basta dizer que era idêntico ao Quico! Ou seja: a mesma cara de bunda, só que com bigodes. Mas os mesmos olhos de peixe morto e as mesmas bochechas de

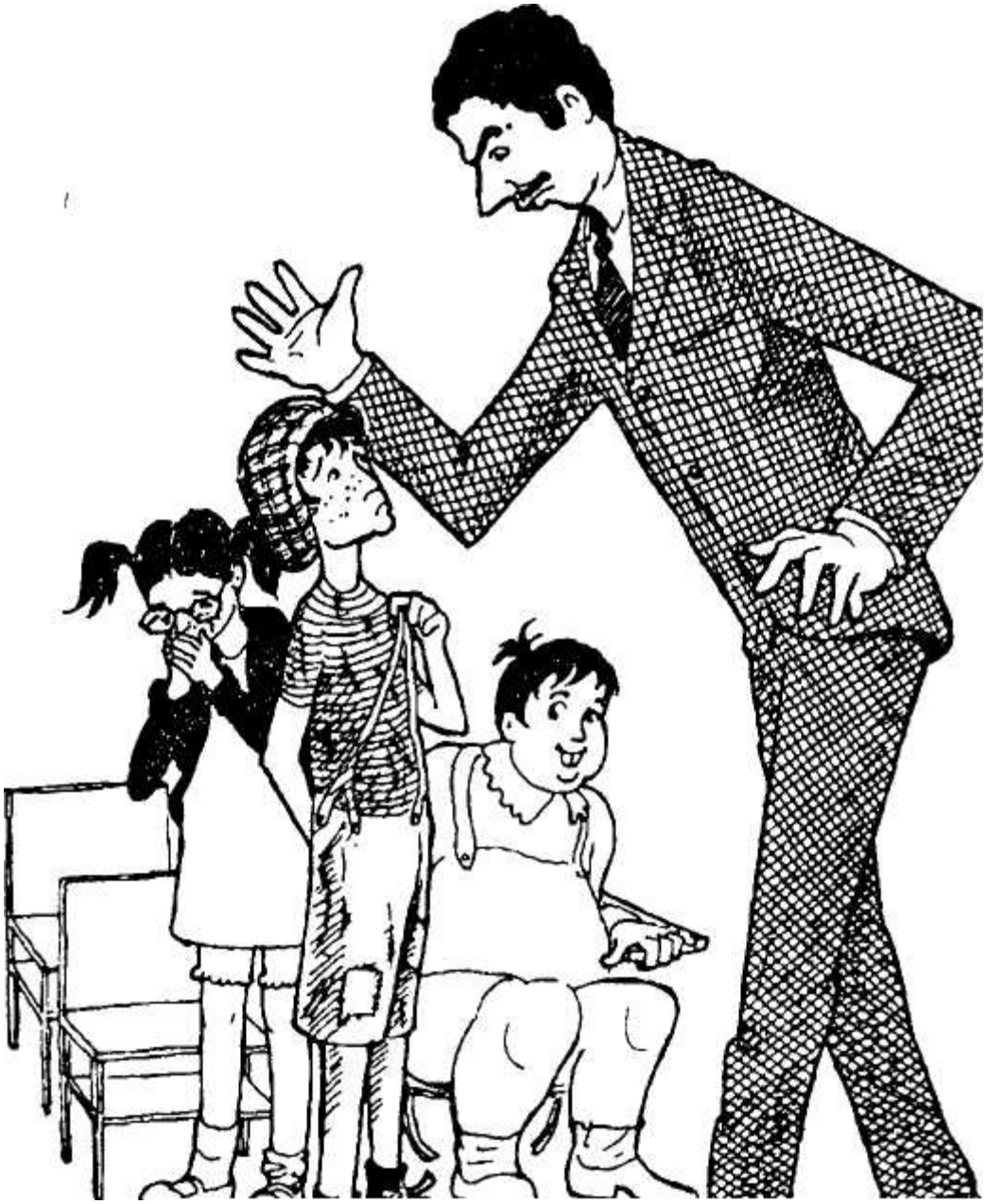
buldogue velho.

O mais triste foi quando soubemos o modo como morreu o pai do Quico, porque o que aconteceu foi que o navio dele afundou no mar, e ele morreu afogado ou mastigado por um tubarão.

Na escola o professor brigou comigo por tê-lo chamado de Professor Lingüiça em vez de Professor Girafales.

Mas é que me escapuliu, pois todos ficaram quietos enquanto eu dizia isso.

Quer dizer, foi sem querer querendo.



E, mesmo assim, ele me deixou sem recreio. Ninguém tem paciência

comigo!

Mas depois, na hora da saída, ficamos todos tentando lembrar os diferentes apelidos que tínhamos colocado no Professor Girafales, e até fizemos a seguinte lista:

Professor Lingüiça

Trem parado

Tobogã de Saltillo (porque dizem que nasceu em Saltillo)

Laço de rodeio

Tubo de encanamento

Pau-de-sebo

Vara com pés

Lntestino desenrolado

Poste de telefone

Espaguete cru

Sinal vermelho (porque o vermelho é o mais alto)

Coluna da independência

E outros que não conseguimos lembrar.

Mas o melhor de todos continua sendo Professor Lingüiça.

O Senhor Barriga é o homem mais rico do mundo, porque é dono da vila inteirinha. Isto é, todos que moram ali têm de pagar a ele um aluguel por mês. Bem, todos menos Seu Madruga, que não paga nunca. E isso também acontece com Jaiminho, o carteiro. Mas os outros eu acho que pagam sim.

Por isso o Senhor Barriga tem muitíssimo dinheiro, que faz com que possa comprar quanta comida quiser. E é também por isso que é o homem mais gordo

do mundo.

Aliás, um dia, o Professor Girafales nos explicou que a palavra "epidemia" significa que muitas pessoas estão doentes pela mesma doença. Ou seja, a doença é muito grande e está muito repartida. Por isso, eu acho que quando o Senhor Barriga fica com dor de estômago, é como se a doença ficasse toda pra ele.



Senhor Barriga

Mais dia, menos dia, o Senhor Barriga vai ter de se conformar com o fato de ser o segundo homem mais gordo do mundo. Quem vai lhe tirar o título de campeão é o seu filho Nhonho, que vive comendo.

Outro dia, Nhonho levou para a escola três sanduíches de presunto e não me ofereceu nenhum. Por isso, tive de quebrar aquilo que ele chama de cara.

O chato é que Nhonho se queixou com seu pai, e o pai dele reclamou com o Professor Girafales. Então o Professor Girafales me disse que o que eu tinha feito era muito ruim. Mas não é verdade, porque eu quebrei a cara dele direitinho.

E se não acreditam, perguntem ao Guines.

Mesmo assim, o professor me castigou tirando o meu recreio.

Mas o Professor Girafales passou o tempo todo conversando comigo e também não teve recreio. Ou seja, ele mesmo se castigou, porque se deu conta de que também merecia um castigo por ter me castigado.

Quando ficamos conversando durante o recreio, o Professor Girafales me disse que meninos bons nunca batem nos outros. Ou seja, sou um menino mau.

Às vezes tenho vontade de ser um menino bom, mas aí chega o Nhonho e bota tudo a perder. Porque leva coisas de comer e não me oferece. Isto é, me dá muita raiva e não tenho outra saída senão bater nele.

Outro que não me deixa ser um menino bom é o Quico, porque tem muitos brinquedos e não me empresta nenhum. Ou seja, acabo também quebrando aquilo que ele chama de cara.

Por outro lado, nunca bato no Godines, porque ele sempre reage e me

bate mais forte ainda.

Bem, uma vez, sim, me irritei muito com o Godines e tivemos uma briga feia. Eu acabei com o nariz todo ensangüentado, mas o Godines também não saiu limpo, porque espirrou sangue nele.

Muitas vezes também me dá vontade de bater na Chiquinha, mas nas mulheres não se deve bater nunca (por mais que mereçam). E é por isso que abusam tanto das pessoas, porque elas, sim, podem bater nos homens. E isso dá muita raiva. E se não acreditam, perguntem ao Seu Madruga, que sempre tem de agüentar os tapas que leva da Dona Florinda.

Aliás, uma vez, Seu Madruga me disse que gostaria que Dona Florinda fosse homem para poder revidar; mas eu disse a ele que era melhor não, porque ela sendo mulher já batia tanto nele, se fosse homem já o teria mandado para o cemitério.

Na escola estudamos os animais.

A diferença que há entre os animais e as coisas é que os animais são seres vivos (menos quando já estão mortos).

E a diferença que há entre os animais e as plantas é que os animais não ficam parados num mesmo lugar, e sim mudam de lugar caminhando, nadando ou voando. Em compensação, entre as plantas, as únicas que caminham são as plantas dos pés.

Também há muitas diferenças entre os animais. Por exemplo: tem uns que saem de um ovo e outros que saem de sua mãe. Os que saem de sua mãe são mamíferos (pois se saíssem de seu pai se chamariam papíferos). E os que saem do ovo se chamam pintos.

Nunca devemos nos esquecer que os animais são muito úteis para nós,
pois há animais que servem para o trabalho e outros que servem pra gente comer.
De todos os animais, o mais útil é a vaca, pois além de ser comestível
também nos dá o leite. Bem, é como se diz, mas na verdade a vaca não nos dá o
seu leite: é preciso tirá-lo. Mas, fora isso, as vacas têm um couro que serve para
fazer solas de sapatos. E esse mesmo couro serve para envolver a vaca. Ou seja:
para que ela não se esparrame.
O esterco serve para que as vacas tenham consciência do que fazem.
O marido da vaca chama-se touro, e é usado nas corridas de touros. Mas,
fora isso, os touros não servem pra nenhuma outra coisa, pois não dão leite nem
são comestíveis, já que sua carne é dura demais para que alguém possa mastigá-la
com prazer. Os touros só voltam a ser úteis quando perdem a inteligência,
porque aí se transformam em bois e são colocados para puxar o arado.
Mas os animais mais bonitos são os cachorros. E também são os mais
inteligentes, porque aprendem a fazer muitas coisas.
Se você quer ensinar alguma coisa a um cachorro, o primeiro passo é saber
mais do que o cachorro.
Mas também tem alguns truques que ajudam, como dar uma comidinha
cada vez que eles fazem bem uma coisa. Por exemplo, você joga a bola bem



longe e, em seguida, ordena que ele a traga de volta. Aí, se ele traz a bola, você dá uma comidinha pra ele. Mas se ele não traz, você pega a bola e não dá nada pra ele. Ou seja, é melhor que ele não traga, porque assim você pode comer o que ia dar pra ele.

De todos os animais, os porcos são os mais sujos, mas por dentro são muito saborosos.

Os que têm corcunda se chamam camelos; mas a Pópis disse que o camelô fez sua própria corcunda porque tentaram passá-lo no buraco da agulha.

As girafas são os animais que têm o pescoço mais comprido. E ainda bem que são assim, porque se não tivessem um pescoço tão comprido, a cabeça ficaria flutuando no ar.

Outro animal muito bonito é o cavalo. Os cavalos também são muito

úteis, porque podem ser usados em monta-rias, para puxar carros, carregar coisas etc.

O Professor Girafales disse que os primeiros a usar cavalos foram os chineses, mas a Chiquinha disse que não, que, antes deles, as éguas os usaram.

Hoje voltamos a estudar os animais.

O Professor Girafales nos explicou que os animais que comem carne são carnívoros; os que comem frutas são frutívoros; os que comem insetos são insetívoros e assim por diante.

Então o Quico disse que os que comem panquecas são panquetívoros e os que comem tortas são tortívoros.

Mas o Professor Girafales chamou atenção do Quico por ter dito isso.

Em seguida, perguntou quais eram os animais que comiam de tudo, e respondi que aqueles que comiam de tudo eram os ricos.

Quando o Senhor Barriga chega pra cobrar o aluguel, Seu Madruga fica tão nervoso que quando fala começa a espumar. Por exemplo, em vez de dizer: "Tenha paciência, Senhor Barriga", diz: "Tenha barriga, Senhor Paciência!" E diz também: "Você tem toda barriga, Senhor Razão"; e ainda: "Faça-me uma barriga, Senhor caridade."

Mas o Senhor Barriga já ameaçou expulsá-lo da vila, pois disse que está cansado de ir cobrar o aluguel e não receber. Aí Seu Madruga o aconselhou a ficar quietinho em casa, mas o Senhor Barriga disse que ele era um sem-vergonha, e que tinha que pagar os 14 meses de aluguel que lhe devia, e o melhor era que pagasse antes que ele o pusesse no olho da rua. Aí Seu Madruga respondeu que naquele momento não tinha dinheiro, mas que não se

preocupasse, que não esqueceria a dívida nenhum dia de sua vida.

E realmente cumpriu sua promessa, porque nunca se esquece que continua devendo.



O Professor Girafales brigou comigo porque fui para a escola com as orelhas sujas, mas não tinha jeito de deixá-las em casa, né?

Depois me disse que eu devia lavar minhas orelhas. Mas para que, se ainda estou escutando tio bem?

Em seguida, me disse que eu também devia lavar o pescoço e as mãos, e eu lhe respondi que as mãos, sim, isso eu tinha lavado. O chato foi que aí me perguntou quando eu tinha lavado as mãos; mas nem que eu tivesse muita memória...

Finalmente, me perguntou quando tomei banho pela última vez, mas, francamente, eu ainda não tomei banho pela última vez. Isso se deve perguntar aos que já morreram, porque nós, que estamos vivos, não podemos saber quando

será a última vez que tomaremos banho.

Também disse que não devo tomar banho depois do desjejum. Isso qualquer um entende, porque, se eu tivesse que tomar banho depois do desjejum, não tomaria banho nunca.

Na aula de gramática o professor nos explicou que "sintaxe" não quer dizer que haja greve de táxis na cidade (como pensava Nhonho), e sim a forma de ordenar as palavras na oração.

Aí a Pópis disse que ela sabia ordenar as palavras na oração, e começou dizendo: "Pai nosso, que estais no Céu..." Mas o professor disse a ela que não estava falando da oração que fazemos a Deus, mas das orações em geral. Aí a Pópis disse: "General nosso, que estais nos Exércitos...", mas não pôde continuar porque o professor mandou que prestasse atenção ao que ele dizia.

E o que ele dizia é que muitas pessoas vêm destruindo a língua e que há o risco de que, em breve, não possam mais se comunicar, como aconteceu na Torre de Papel2, uma torre que estavam fazendo há muitíssimo tempo e que queriam que fosse tão alta, tão alta que pudesse chegar ao céu. (Mas que burros, né? Porque se de concreto já é difícil, imagine de papel.)

Mesmo assim, o Professor Girafales nos disse que foi ali que se separaram as línguas. Isso fez com que a Chiquinha desse um pulo e ficasse com cara de assustada. E aí ela perguntou:

— O que é que você disse que aconteceu?

E o professor repetiu:

— Que foi aí que se separaram as línguas. Aí a Chiquinha perguntou:

—Mas o que estavam fazendo?

E o professor repetiu que o que estavam fazendo era uma torre.

Depois esclareceu que, ao falar de línguas, estava se referindo aos idiomas.

Isso fez o Nhonho se exibir dizendo que seu pai domina muitas línguas. E então ele perguntou à Pópis se acontecia o mesmo com sua tia Florinda, mas Pópis disse que não, que sua tia Florinda não domina nem sua própria língua, pois vive mordendo-a.

3. Óbvia referência à Torre de Babel. (N. do A.)



O professor continuou nos explicando tudo e disse que o que aconteceu na Torre de Papel foi que todos começaram a notar que cada um falava um idioma diferente (mas não esclareceu se em seguida eram dublados ou se colocavam legendas).



Dona Clotilde

A Bruxa do 71

Chiquinha diz que Dona Clotilde é a Bruxa do 71 (porque mora na casa número 71). Quico e Pópis também acham isso, mas Jaiminho, o carteiro, disse que é mentira, pois, se ela fosse uma bruxa, por que não faria um feitiço para se transformar numa mulher jovem e bonita?

Quer dizer, eu também não acredito em bruxas.

Mas que elas existem, existem! Não tem como saber se alguém é ou não uma bruxa, mas, por via das dúvidas, o melhor é não topar nunca com Dona Clotilde.

Quando encontro com ela, fico com muito medo e tenho um piripaque.

Quer dizer, fico paralisado e não consigo nem me mexer. Aí preciso que joguem água fria em mim para conseguir me mover.

Aliás, um dia a Pópis me perguntou o que se sente quando se tem um piripaque, mas não é fácil de explicar, porque o que se sente é que a pessoa começa a sentir como se não estivesse sentindo nada. Depois você sente que já não sente tanto, e assim vai, até que você sente que já não sente o que está sentindo.

Depois, a própria Pópis me lembrou que Dona Clotilde está apaixonada por Seu Madruga, e disse que só uma bruxa seria capaz disso.

Além disso, a Bruxa do 71 vive dando bolos de presente para o Seu Madruga, e a Chiquinha acha que, no mínimo, ela coloca na massa uma dessas coisas que fazem as pessoas as ficarem idiotas. Mas eu acho que para ficar idiota Seu Madruga não precisa comer nada não.

Ontem teve prova de História.

Havia dez perguntas. Eu mal respondi a primeira.

As outras não tive tempo de responder.

O que acontece com História é que os professores fazem pegadinhas, pois perguntam coisas que aconteceram quando a gente ainda não era nascido. E o pior de tudo é que cada vez fica mais difícil estudar, porque sempre há coisas acontecendo. Em compensação, para os adultos deve ter sido muito fácil, pois quando eles estudaram quase não tinha acontecido nada.

Mas, de qualquer jeito, as aulas de História são muito divertidas, porque é como se lhe narrassem contos.

Como aquele de que um dia fizeram uma Revolução para que as coisas melhorassem.

Depois da prova, tivemos muitas outras aulas de História, e para que não me esqueça delas, vou escrever tudo o que eu lembro agora.

Havia um presidente que se chamava Dom Porfírio, que foi o que mais tempo agüentou os mexicanos.

Mas os presidentes só podem ser presidentes durante seis anos, e quando perceberam que Dom Porfírio já tinha ficado muito mais tempo que isso, disseram que ele tinha de sair.

Então chegou um sujeito chamado Francisco Macero (igualzinho ao nome da rua) e lhe declarou a guerra da Revolução. E continua vencendo!

Então Francisco Madero se tornou presidente, mas não durou quase nada, porque chegou outro que era muito malvado e matou Madero e até roubou seu cargo de presidente.

Aí começou a guerra da Revolução. Mas não contra Dom Porfírio, e sim contra todos; porque todos queriam ser presidentes.

O único que não queria ser presidente era Emiliano Zapata. O que ele queria era que todo mundo fosse camponês.

O chato é que os ricos fazendeiros preferiam ser ricos fazendeiros a ser camponeses; e como não entravam em acordo, os camponeses começaram a matar os ricos fazendeiros e os ricos fazendeiros começaram a matar os camponeses. E, conclusão, a terra não foi ocupada nem pelos camponeses e nem pelos ricos fazendeiros, e sim pelos mortos que tiveram de enterrar; porque nessa época mataram tanta gente que a média era de um pra um, ou seja, um morto por pessoa.

Também havia um caubói chamado Pancho Villa, que tinha muitos amigos e muitas mulheres. Mas de quem ele mais gostava era de seu cavalo, Sete Léguas.

Dizem que Pancho Villa tinha uma pontaria tão boa com a pistola que onde botava o olho mandava a bala. E vivia botando o olho.

O mais inteligente de todos chamava-se Carranza, pois era o que lia e escrevia melhor, e para isso usava uns óculos fundo-de-garrafa. Carranza também sabia fazer leis. Em compensação, não sabia nem segurar uma pistola. Segurava melhor outras coisas.

Mas o melhor pistoleiro era um tal de Obregón, que só tinha uma mão.

Mas essa era suficiente para ele.

O mais engraçado de tudo é que no México houve muitas ruas com nomes de presidentes e um presidente chamado Calles.*

litro1 dia, voltando da escola, vi que Jaiminho estava cortando ramos das

roseiras dos vasos. Eu perguntei por que maltratava as plantas daquele jeito, mas Jaiminho me disse que não estava maltratando as plantas; estava apenas podando seus pés.

Por um momento pensei que Jaiminho estava ficando maluco, mas depois ele me explicou que não é que as plantas tenham pés como nós (senão já teriam ido embora), mas que assim se chamam esses raminhos que são cortados. Depois esses raminhos são enterrados em outros vasos e começam a crescer até se transformarem em roseiras que dão flores e tudo mais.

Jaiminho disse que essas novas roseiras serão filhas da outra. E eu lhe disse que ainda bem que as crianças não nascem como as rosas, pois, caso contrário, teriam de cortar um pé de suas mães e, em seguida, enterrá-lo num vaso para que crescesse. Ou seja, uma mãe não poderia ter mais do que dois filhos.

O que acontece é que Jaiminho sabe muito de plantas porque em Tangamandápio tem muitas árvores, flores, essas coisas. Sabemos disso porque Jaiminho vive contando coisas bonitas de Tangamandápio, que é a cidadezinha onde ele nasceu. Acho que deve ser uma cidade muito bonita, porque ele sempre fala que é "uma cidadezinha encantadora, com pores do sol avermelhados". E, quando se lembra, vai fazendo uma carinha de cachorrinho dengoso.

* "Rua", em espanhol, é "calle". (N. da E.)

Jaiminho gosta tanto das plantas que nem acha graça quando brincam com ele por isso. Por exemplo: um dia estava nos falando das flores que têm perfume e se irritou quando Godines disse que as plantas mais cheirosas são as plantas dos pés.

Depois a Pópis disse que as plantas mais perigosas são as plantas elétricas, e de novo Jaiminho se irritou.

Por isso, acho que Jaiminho devia ser jardineiro em vez de carteiro, mas ele disse que a vida toda foi carteiro.

O chato é que, quando volta do trabalho, sempre chega na vila muito cansado. E o que mais o cansa é ter de andar empurrando a bicicleta, porque Jaiminho, o carteiro, não sabe andar de bicicleta.

Mas não pode dizer que não sabe andar de bicicleta, porque se seus chefes soubessem disso, perderia o emprego de carteiro. E por isso chega tão cansado. Depois fica o dia todo cansado. E por isso não quer fazer nada: porque prefere evitar a fadiga, como ele diz.

E acho que o que aconteceu foi que Jaiminho começou a trabalhar como carteiro antes que inventassem a bicicleta, pois o pobrezinho é mais velho que as aranhas. Claro que ele nunca quer dizer quantos anos tem, mas imagino que não menos que quatrocentos. Por isso sua pele fica pendurada que nem pelanca de peru.

De qualquer jeito, Jaiminho, o carteiro, disse que gostaria de passar seus últimos dias em Tangamandápio, mas eu acho muito difícil. A não ser que ele fosse pra lá dentro de 15 minutos.



Nhonho se irritou profundamente quando dissemos que seu pai mais parece banha esparramada. Mas que culpa temos se o pai dele parece banha esparramada?

Depois não teve jeito de fazê-lo ficar de bom humor. E, por isso, nos ameaçou:

- Vocês vão ver só, vou contar tudo para a banha esparramada!

Ou seja, ele sem querer deixou escapulir a verdade, pois o que ele queria ter dito é que ia contar tudo para seu pai.

Ele estava assim chateado quando encontrou Dona Clotilde, que lhe disse pra não chorar por isso e que aprendesse com ela, que não se irritava quando lhe chamavam de bruxa. Mas eu tenho certeza de que é mentira, porque vi muitas vezes como ela se irrita quando a chamam assim. Porém, ela insistiu que estava dizendo a verdade; e aí, para provar, Nhonho gritou:

- Bruxa, bruxa, bruxa! - Assim, três vezes. E Dona Clotilde, nada.

Com isso me animei e me aproximei pra chamá-la de bruxa, mas Dona Clotilde continuou sem se irritar. E o mesmo aconteceu com Pópis, Quico e Godines, pois também não se aborreceu quando eles gritaram "bruxa!"

Estávamos muito contentes de poder chamá-la de bruxa sem perigo algum, quando chegou a Chiquinha e estragou a nossa festa. O que aconteceu foi que ela chegou perguntando por que estávamos tão contentes, e respondi que era porque Dona Clotilde já não se importava mais que a chamássemos de bruxa; mas a Chiquinha, em vez de se animar, ficou muito séria, como se estivesse duvidando. Então eu lhe disse:

- Se não acredita em mim, experimente chamá-la de bruxa, para ver como não se irrita.

Mas a Chiquinha respondeu:

- Se não se irrita, para que vou chamá-la de bruxa? Aí nos demos conta do erro que havíamos cometido,

pois o legal de chamá-la de bruxa era ver a cara de peru que ela fazia. E entendemos por que a Chiquinha começou a chorar lembrando dos velhos tempos.

- Essa mulher - disse ela - sempre foi muito boa para nós, porque bastava que alguém dissesse: "Olha lá, lá vem a Bruxa do 71!" para que no minuto seguinte ela fizesse aqueles gestos de raiva que tanto nos divertiam. E agora, de repente, a ingrata nos tira esses doces momentos de felicidade de que tanto havíamos desfrutado.

Depois a Chiquinha nos deixou ainda mais preocupados, porque disse que a mesma coisa poderia acontecer se Dona Florinda não se importasse quando a

chamássemos de "velha coroca". Mas o bom foi que Dona Florinda, que ia passando por ali naquele momento, escutou o comentário e saiu dizendo que éramos uns moleques, que isso é que dava conviver com a gentalha. E, é claro, disse tudo isso fazendo aquela cara de vela derretida que tanto nos diverte.

Depois disso, Chiquinha disse uma coisa que não entendi muito bem. Mas pedi que repetisse, para que eu pudesse escrever. E ela disse assim:



- Com isso, Dona Florinda está nos fazendo lembrar que jamais devemos perder a fé no ser humano.

O Seu Madruga disse que não tem medo de ir para o inferno quando

morrer, pois tem certeza de que não lhe dariam mais de dois ou três anos de condenação. E menos ainda se, em vez de trancá-lo no maior de todos, o mandassem para o Purgatório Oriente, por exemplo. Ou ao Purgatório Norte, digamos.

Eu lhe perguntei como podia ter tanta certeza disso e Seu Madruga me disse que tudo era uma questão de ter alguns "pistolões" (ele disse assim). E ele, por exemplo, havia sido muito amigo do padre José (que morreu no ano passado) e com certeza devia estar muito bem parado lá no outro mundo.



Mas a verdade é que Seu Madruga não parecia estar tão confiante no que dizia, porque depois me disse que se não tivesse o pistolão do padre José não lhe restaria outra solução senão dar uma "mordida", isto é, uma propina. E isso seria muito mais difícil de conseguir, porque Seu Madruga nunca teve onde cair morto. Mas, particularmente, duvidei de que no inferno aceitassem "mordidas", apesar de Seu Madruga ter dito pra eu não me preocupar com isso, pois, se um juiz aceita, era muito mais compreensível que o Diabo aceitasse. Porque nunquinha

que o Diabo vai se parecer com um anjinho inocente.



Chiquinha

De cada turma da escola escolheram uma criança para fazer a coleta da Cruz Vermelha. Na minha sala, o escolhido fui eu.

Deram-me um pote pintado de branco, com uma cruz vermelha desenhada. Na parte de cima tem dois buracos por onde as pessoas jogam o dinheiro. Um é compridinho e o outro é redondo. (O curioso é que o buraco compridinho é para as moedas, que são redondas; e o redondo, para as notas, que são compridinhas.)

Mas não é nada fácil pedir dinheiro às pessoas. A Chiquinha, por exemplo, disse que já tinha dado. Perguntei-lhe quando, e ela me respondeu que no ano passado. Aí eu disse que era preciso colaborar todos os anos, já que todo ano tem atropelados, acidentes de trânsito e tudo isso; mas a Chiquinha me perguntou se ela era culpada por isso. Finalmente, sem muito entusiasmo, digamos assim, topou jogar umas moedas. Não pude ver que quantia era, mas ela me disse que eram cinco reais. Porém, para mim, parecia ter sido cinqüenta centavos.

Mas a Chiquinha pelo menos pôs alguma coisa, diferente da Pópis, que não deu nada. E, ainda por cima, quis fazer uma piada, pois quando lhe perguntei se ela havia posto, Pópis me disse que nem que fosse uma galinha. Expliquei que se tratava de pôr dinheiro, mas a Pópis me disse que não tinha nem cinco centavos. Aí a Chiquinha disse a ela que algumas pessoas, em vez de dar dinheiro, dão sangue, que pode ser útil, porque nos acidentes muitas pessoas perdem sangue. Pópis respondeu que se as pessoas perdem as coisas é porque não prestam atenção ao lugar onde as deixam; mas a Chiquinha lhe explicou que o

que acontece é que as pessoas perdem sangue pelas feridas que sofrem nos acidentes, e que depois são levadas ao hospital da Cruz Vermelha, onde lhes enchem de novo de sangue. Pópis disse que já havia entendido; e que não podia dar dinheiro, mas que, sim, podia dar sangue. Mas a verdade é que é muito idiota, porque em seguida avisou que devíamos esperar que matassem a galinha; e quando lhe perguntei que galinha, ela me respondeu que estava falando de uma galinha que sua tia Florinda tinha comprado na semana passada. Ou seja, a idiota estava pensando que podia colaborar com sangue de galinha, sem levar em conta que os seres humanos só podem receber sangue de outros seres humanos. Aí a Pópis perguntou de onde poderia tirar esse tipo de sangue e a Chiquinha disse:

— De seu nariz.

E a própria Chiquinha ajudou, dando um murro na cara dela.

O chato foi que a Pópis não pôde colaborar doando esse sangue, porque a idiota foi correndo pra casa, dizendo que ia contar tudo pra sua tia Florinda.

Então chegou o Nhonho. Esse, sim, colaborou com uma nota de vinte reais para a Cruz Vermelha. Eu sei a quantia porque vi a nota com meus próprios olhos. Além disso, o próprio Nhonho nos disse que estava contribuindo com vinte reais porque poderia acontecer de ele sofrer um acidente e ter de ser levado à Cruz Vermelha. O chato é que, neste caso, vinte reais de nada serviriam, pois, se Nhonho sofresse um acidente, seria necessário ter, no mínimo, dois camelos para levantá-lo. E, para levá-lo, talvez duas ambulâncias! E, depois, para enchê-lo de novo de sangue! Nem com uma cisterna!

Eu estava pensando nessas coisas quando Quico saiu de casa, com a Pópis atrás dele. Os dois vinham muito decididos, pois a Pópis tinha feito a fofoca de

que a Chiquinha tinha dado um murro no nariz dela. Eu até pensei que o Quico fosse bater na Chiquinha, mas não. Bateu em mim.

Nhonho me ajudou a levantar, mas quando procurei por Quico, o covarde já tinha saído correndo. Então a Chiquinha viu que eu estava muito irritado e disse pra eu me acalmar. Depois, como queria mudar de assunto, perguntou se eu tinha dado alguma coisa à Cruz Vermelha. Respondi que não tinha dado nada, mas que tinha a intenção de mandar alguma coisa para eles. Chiquinha me perguntou o que eu queria mandar pra Cruz Vermelha, e respondi:

- Um ferido.

E esperei que o Quico voltasse.

Antigamente não havia tanta população como hoje, porque só existiam Adão e Eva.

Ou melhor, só existia Adão, que foi o primeiro homem. Acontece que, um dia, dormiu e quando acordou tinham tirado uma costela dele. E depois, dessa costela, começaram a sair mãos, pernas, cabeça e tudo o mais (menos o pinto), até que se formou completamente a senhorita Eva.

Adão e Eva moravam num lugar muito bonito, que se chamava Paraíso, uma espécie de bosque cheio de flores, pássaros, veados e leões (mas os leões eram adestrados).

No Paraíso era proibido comer maçãs. Mas um dia chegou uma cobra chamada Serpente, que aconselhou Adão e Eva a comerem várias maçãs. Ou seja, era uma cobra que já havia aprendido a falar. Porque antigamente as cobras eram tão diferentes que até tinham mãos. (Isso sabemos porque a cobra tentou Eva, e se não tivesse mãos, como poderia tentá-la?) Mas Eva não disse a Adão que a

cobra a havia tentado, porque os homens ficam muito bravos quando alguém fica tentando sua mulher.

Mesmo assim, Adão e Eva foram castigados por terem sido desobedientes.

E, por isso, foram expulsos do Paraíso. Quem os expulsou foi um anjo que tinha uma espada como as que eram usadas na Guerra das Estrelas.

Mas, além disso, receberam outros castigos. Por exemplo: Adão tinha de comer o pão que vinha do suor da sua testa. E Eva recebeu o castigo de sentir muita dor quando tivesse filhos.

Mas, como não tinham outra coisa pra fazer, dispararam a ter filhos.

O mais velho recebeu o nome de Caim e ao mais novo deram o nome de Abel.

Abel era uma criança muito obediente e muito boa. Caim, ao contrário, sempre deu dor de cabeça à sua mãe. A primeira delas foi quando Eva o alimentava, pois Caim tinha fuça de burro, que nem o Quico. E não é a mesma coisa amamentar um bebê comum e um que mama com fuça de burro.

Mas a pior das dores de cabeça que Eva teve foi quando os meninos já estavam mais crescidinhos. Porque um dia Caim se irritou muito com seu irmão e lhe acertou com a fuça. Mas a pancada foi tão forte que Abel caiu no chão, e, quando perceberam, estava morto.

Em seguida, Adão e Eva também morreram.



Nesta vida há coisas que são caras porque custam muito dinheiro e outras que custam muito pouco e que por isso são baratas.

Eu, por exemplo, sou um menino barato.

Por isso, a Chiquinha me olha com muita pena e me diz:

- Pobre Chavinho! Você não tem pena de ser você?

Mas o que é que eu posso fazer?

Porque muitas vezes nos perguntaram o que gostaríamos de ser quando crescêssemos, e eu nunca soube responder nada.

Os outros sim: Chiquinha gostaria de chegar a ser presidente; Pópis quer ser atriz de televisão; Nhonho quer ser dono de muitos restaurantes; Godines quer ser jogador de futebol; e Quico quer ser igual à sua mãe. Ou seja, Quico é mais idiota do que pensávamos, porque é preciso ser muito idiota para querer ser parecido com aquela velha coroca que não sabe fazer outra coisa senão brigar com todo mundo. Além do mais, quando a gente cresce, os homens devem parecer homens e as mulheres devem parecer mulheres. Ou seja, Quico vai ser

daqueles que põem brinquinho na orelha.

Mas depois Quico nos explicou que não, que não era nada disso. E disse ainda:

- Eu só quero ser parecido com minha mãe nisso de ter um filho como eu.

As pessoas dizem que nesta cidade já não se pode respirar direito porque o ar está muito condimentado4.

Mas o Professor Girafales diz que, por outro lado, as pessoas não se preocupam muito com uma coisa que está cada dia pior, que é o barulho.

O barulho serve para ser escutado.

Mas o chato é que também pode servir para que não se escute o som das pessoas, como acontece nas boates. E não é que seja ruim escutar música; o ruim é escutá-la quando está muito alta. Ou seja: o que faz mal é o volume. E é por isso que Nhonho vive doente: pelo seu volume.

Além das boates, o que também é muito prejudicial é o barulho das motos. Principalmente quando atropelam a gente.

Na escola tem uma aluna nova que se chama Paty, e que, carinhosamente, é chamada de Patrícia Gimenez.

Paty se senta na carteira que fica atrás da minha, mas o Professor Girafales insiste que devo olhar para a lousa e não para a Paty.

O bom é que durante o recreio, aí sim, posso ficar o tempo todo olhando a Paty.

Quando ela corre, o cabelo dela fica assim: muito bonito.

Às vezes, Paty me pega olhando. E aí não consigo continuar olhando pra ela, pois, sabe-se lá por que, quando ela me olha, sinto uma coisa que não sei

explicar.

E quando ela ri, sinto a mesma coisa, só que mais forte ainda.

4. É claro que o Chaves quis dizer que o ar está "contaminado". Isto significa que não conseguiu ouvir bem a palavra, o que, por sua vez, confirma tudo que se disse nesta página.

Eu estava brincando de pular numa perna só, quando Quico saiu de casa comendo uma banana. E um instante depois me perguntou:

- Quer?

Eu ia lhe responder que sim, porque aquela banana me agradava muito, mas me lembrei de que ele sempre faz a mesma coisa comigo: primeiro, me pergunta:

— Quer? — E quando digo que sim, ele me diz:

- Então compra!

Então lhe disse que não, que não queria, e lhe expliquei por quê. Aí o Quico me disse:

— Poxa, que pena, porque, dessa vez, pensava em lhe dar a metade da minha banana.

Isso me deixou tão contente que respondi:

— Tá, tá, eu quero! Aí ele me disse:

- Compra!

O pior de tudo foi que não vi onde jogou a casca da banana. Ou seja, escorreguei ao pisar na casca e caí no chão.

E o Quico, em vez de se preocupar, começou a rir, debochando de mim.

Aí dei dois safanões na cara de porca cevada dele, e imediatamente foi chorar encostado na parede.

O chato é que o Quico chora como se estivesse fazendo gargarejo com água da bica. E faz tanto barulho que toda a vizinhança pode ouvir. Por isso, Seu Madruga até saiu de casa para ver o que estava acontecendo. Ai eu ia começar a explicar, quando Dona Florinda chegou da rua e perguntou a seu filho o que ele tinha, e Quico respondeu:

- Ele bateu em mim!

Mas, como não explicou quem bateu nele, Dona Florinda pensou que tivesse sido Seu Madruga. E, como sempre, Seu Madruga foi quem acabou pagando o pato.

Depois Dona Florinda disse a Quico:

- Venha, tesouro, não se junte com essa gentalha. Aí Quico gritou para Seu Madruga:

- Gentalha, gentalha!

Em seguida, Quico e sua mãe entraram em casa.

Mas Seu Madruga ficou com tanta raiva que jogou o boné no chão. E depois acho que ficou mais raiva ainda, porque seu boné caiu bem em cima de um cocô de cachorro.

Eu percebi que Seu Madruga estava tão irritado que certamente ia querer descontar em mim, mas eu fui esperto e saí correndo.

O chato foi que, justo nessa hora, estava chegando à vila o Senhor Barriga, e eu esbarrei na sua pança e o derrubei no chão. Aí o Senhor Barriga disse:

- Mas tinha que ser o Chaves! Eu respondi:

- Foi sem querer querendo!

Mas ele respondeu que sempre acontecia o mesmo: que eu sempre o

recebia com uma pancada na barriga quando ele chegava à vila, e que sempre lhe dizia: "Foi sem querer querendo." Aí eu disse a ele que estávamos quites, porque ele também sempre repetia: "Mas tinha que ser o Chaves!"

Hoje de manha, durante o recreio, Paty chegou por trás de mim, tapou meus olhos com as mãos e disse:

- Adivinha quem é? - E eu soube que era a Paty, porque ela é a única que tem uma voz bonita de se ouvir. Mas não pude dizer nada pra ela, porque comecei a sentir umas cosquinhas.

Em seguida, a Chiquinha também veio por trás de mim, tapou meus olhos com as mãos e perguntou:

— Adivinha quem é?

Até parece que eu não iria reconhecer a idiota!

Aí a Chiquinha roubou umas balas da Paty e ela começou a chorar.

Também senti vontade de chorar, mas segurei.

Em vez disso, tirei as balas da Chiquinha e as devolvi para Paty. Aí foi a Chiquinha quem começou a chorar.

Fico muito irritado de ouvir a Chiquinha chorar, porque ela sempre chora como se alguém a estivesse matando; e com um grito desses no ouvido uma pessoa fica até surda. Que diferença da Paty, que quando chora só faz um barulhinho assim, tão baixinho...; e seus olhos ficam assim molhadinhos, e até brilham mais!

No fim das contas, eu também chorei (porque a Chiquinha me deu uma pedrada na cabeça).

Se um dia eu ganhasse na loteria, a primeira coisa que eu gostaria de fazer

seria me convidar para comer. Porque nesta vida o mais importante é comer.

Porque se você não come, morre.

E se morre, a que horas vai comer?

Por isso, é melhor comer do que morrer.

Aliás, o Professor Girafales disse que o intestino das pessoas mede cerca de 6 metros de comprimento, mas eu ingeri tão pouca comida que devo ter pelo menos 2 ou 3 metros de intestino sem uso.

Eu não tenho certeza, mas acho que a última vez que mastiguei um pedaço de carne foi quando mordi a língua.

Uma vez fiquei tão mal que me levaram a um hospital muito bonito, onde as enfermeiras se chamavam freiras; e eram tão boas que me davam de comer três vezes por dia. Mas o chato foi que não fiquei doente mais do que quatro dias, e rapidinho fiquei bom. Agora estou esperando ficar doente de novo, pra que eu possa comer três vezes ao dia de novo.

Ontem foi aniversário da Paty. Eu não sabia. Mas eu soube quando Nhonho chegou e lhe deu um presente. Aí a Paty deu um beijo nele.

Um dia desses vou pegar o Nhonho e vou partir aquilo que ele chama de cara.

De todas as histórias que o Professor Girafales já nos contou, uma das mais bonitas é a de um senhor chamado Noé, que fabricava barcos e criava animais.

Um dia Deus disse a Noé que já faltava pouco para o Dilúvio, que é um grande aguaceiro, só que mais forte ainda. Aí Noé perguntou a ele o que devia fazer, e Deus lhe aconselhou que fabricasse um barco bem grande, onde

coubessem todos os animais. Até o elefante.

Mas os únicos que ajudaram Noé foram seus filhos (que eram três) e as esposas de seus filhos. Por outro lado, as outras pessoas da cidade não o ajudaram em nada, e não faziam outra coisa senão debochar de Noé, pensando que o pobrezinho estivesse louco. E Noé respondia que eles é que eram loucos e que depois não viessem se queixar quando estivessem se afogando.

Porém, mais do que as zombarias das pessoas, o que preocupava Noé era que ele teria que juntar casais de animais, porque deviam ser machos e fêmeas, e nem sempre é fácil distinguir qual é o macho e qual é a fêmea. Claro que há alguns que se reconhecem facilmente (os burros, por exemplo), mas tem uns que não sei como Noé fez para distinguir, como é o caso dos pássaros, dos peixes, das cobras, dos vermes etc.

Bem, o fato é que Noé conseguiu juntar todos os casais de animais e lhes pediu que entrassem no barco, que, na verdade, se chamava Arca.

Mas entraram bem na hora, porque em poucos minutos começou a cair o Dilúvio, e como ainda não haviam sido inventados os escoadouros, as ruas começaram a se inundar. E aí continuou chovendo tanto, que em pouco tempo não se viu mais o chão, nem as casas nem nada. A única coisa que se podia ver era o barco em que iam Noé, sua família e os outros animais.

Noé achava que os outros iam morrer de inveja, mas não foi assim; eles morreram afogados.

O chato foi que, um dia, como não tinha muito que fazer, Noé inventou o vinho. E, é claro, tomou um porre.

Mas estava tão bêbado que nem podia se levantar pra saber se já havia

parado de chover. Por isso, o que fez foi segurar um pássaro e pedir que saísse pra ver se ainda estava chovendo. Então, um de seus filhos começou a debochar dele, dizendo que os pássaros não sabem falar, a não ser os papagaios. Mas os papagaios não sabem dizer se está chovendo ou não; eles só sabem dizer coisas como "Dá o pé, louro!", "Vai à merda, menina peidorreira" e coisas desse tipo. Ou seja, de nada servia mandar um pássaro.

Mas Noé continuava tão bêbado que nem sequer ficou com vergonha quando seu filho debochou dele. Em vez disso, decidiu amaldiçoar os filhos de seu filho. Ou seja, passou a prejudicar os netos, que não tinham culpa de nada.

Nó dia seguinte, Noé disse que ele não era tão burro a ponto de esperar que um pássaro falasse, mas que o mandou pra ver se ele voltava seco ou molhado; porque, se voltasse molhado, significaria que continuava chovendo. E vice-versa.

O chato é que o pássaro não voltava nem seco nem molhado. Ou seja, continuavam na mesma. E Noé não podia mandar outro pássaro porque eles podiam acabar (pois de cada espécie só tinha dois). Até que finalmente alguém resolveu se informar e viu que o Dilúvio não estava mais chovendo. Aí todos desceram do barco e começaram a ter filhos para repor a população que havia morrido afogada.

Alguns filhos saíram brancos, outros negros, e outros, chineses.

Mas o mais interessante de Noé foi a quantidade de anos que viveu (não me lembro bem, mas acho que foram mais de novecentos). Ou seja, chegou a ser ainda mais velho do que Jaiminho, o carteiro. E muitas pessoas se perguntam como é possível que uma pessoa possa viver tanto tempo; mas o fato é que

naquela época não tinha médicos, nem hospitais nem nada disso.

Ontem, o Professor Girafales mandou que copiássemos uma frase do livro de Ciências. Esta:

"O ser humano vale-se de dois sentidos para entrar em contato com o mundo que o rodeia."

E hoje de manha o professor perguntou se sabíamos quais são os sentidos.

Aí a Pópis disse que os sentidos são os chatos, aqueles a quem qualquer coisa que você faça já é motivo pra parar de falar com você, e até de cumprimentar.

Mas o professor disse que ele estava se referindo a outro tipo de sentidos, que são os que estão no livro. E esses sentidos são cinco: a visão, a audição, o olfato (isso, isso de cheirar), o paladar e o tato (ou seja, quando você apalpa alguma coisa).

Depois o professor perguntou à Paty para que servissem os olhos, e me adiantei e respondi que os olhos da Paty servem para olhar bonito.

Aí a Chiquinha me deu um beliscão que deixou meu braço ardendo. E o professor me disse que a pergunta tinha sido feita para a Paty. Aí a Paty respondeu que, para ela, os olhos serviam para duas coisas: para ver quando estivesse acordada e para fechá-los quando estivesse com sono. Mas a Chiquinha lhe disse que também serviriam para chorar quando quebrasse aquilo que ela chama de cara. (O que não eu vou permitir.)

E, além disso, o Professor Girafales chamou a atenção da Chiquinha por ficar provocando briga; mas ela disse que tinha raiva de respostas idiotas. Aí eu disse que a Paty nunca dava respostas idiotas. E isso irritou ainda mais a Chiquinha, que gritou comigo:

- E melhor você calar a boca, Chaves! E, em seguida, acrescentou:

- Sabe para que servem seus olhos?

E eu respondi que me serviam pra olhar a Paty.

Aí a Chiquinha me deu um pontapé na canela e disse:

- Engano seu! Seus olhos só servem pra juntar remelas! O Professor Girafales teve de acalmar a Chiquinha, o que deu muito trabalho. Aí, quando parecia que finalmente já estava calma, o professor lhe perguntou se ela sabia para que serviam os ouvidos, e a Chiquinha respondeu que serviam "para escutar as besteiras que dizia o Chaves". Isso fez com que o professor se irritasse muitíssimo, pois sempre disse que não gostava de grosserias. (Se bem que um dia fez umas quando começou a discutir com Seu Madruga.) E a Chiquinha disse a ele que também não gosta dessas palavras e a prova disso é que só as usa quando está muito aborrecida. (Ou seja, a mesma coisa que aconteceu com o professor quando discutiu com Seu Madruga.)

Depois a Chiquinha se acalmou e o professor continuou a aula de Ciências.

Disse-nos que o sentido que serve para perceber os cheiros se chama olfato, e que também há um órgão que cuida disso. Aí perguntou se sabíamos onde estava este órgão, e Godines respondeu que o órgão se encontra na parte de trás da igreja. Mas o professor disse que estava falando do nariz. (Apesar de não ter mencionado de quem era o nariz.)

Depois o professor me perguntou se eu sabia o que é o paladar, e respondi que sim; que gosto é o que sinto quando a Paty chega. Aí senti outro pontapé da

Chiquinha na canela. (Isso quando parecia que já estava calma. Ou seja, Seu Madruga tem razão em dizer que é impossível entender as mulheres.)

O professor explicou que ao falar de gosto, de paladar, estava se referindo a algo que se sente na boca. Aí eu disse que o melhor que poderia sentir na boca seria um beijo da Paty. Mas não pude saber se havia respondido bem, porque no minuto seguinte a Chiquinha tornou a me dar pontapés na canela, além de me dar uma reguada na cabeça e um beliscão no pescoço.

Mas o bom foi que o professor rapidamente segurou a Chiquinha. Mas quando a soltou, ela começou a dizer:

- É que estou com muita raiva! Que os olhos são pra olhar a Paty! Que o ouvido é para ouvir a Paty! E o olfato e o paladar também! - E depois, como se lembrasse de alguma coisa quê a apavorava, acabou dizendo: — E ainda falta o tato! — E saiu correndo da sala.

Então o Professor Girafales disse pra não nos preocuparmos, que ela voltaria. E continuou a aula, explicando que todos os sentidos são importantes. Disse, por exemplo, que é lamentável que haja pessoas que perdem a visão. E Godines disse que aí elas vão trabalhar como juizes de futebol. Depois falou dos que perdem a audição, e Nhonho disse que estes vão ser cantores de rock and roll. Depois disse que também era lamentável que uma pessoa perdesse o olfato, mas Paty disse que não, que isso era bom, porque os que perdem o olfato não sofrem quando entram no banheiro de um cinema.



Finalmente, o professor falou do tato e perguntou como podíamos saber se uma coisa era lisa ou enrugada. E a Pópis respondeu:

— Depende se tem a minha idade ou a do senhor.

O professor disse que daria outro exemplo e perguntou como sabíamos se um objeto possuía espinhos. Eu respondi que observando com cuidado o objeto, porque, se fosse um chuchu, certamente teria espinhos.

A essa altura, o professor já parecia desesperado, pois até gritou:

— Para que lhe servem suas mãos?

E eu respondi que tomara que um dia elas me sirvam para fazer um carinho na Paty. Eu mal tinha acabado de responder quando me dei conta de que a Chiquinha já havia entrado. Ela se aproximou de mim e disse:

— Vou dizer pra que servem minhas mãos. Serviram-lhe para me dar uma surra ainda pior do que quando saí no pau com Godines.



O Professor Girafales mandou que fizéssemos um trabalho sobre desnutrição, mas eu não tinha a menor idéia do que escrever. Então a Chiquinha me disse que não precisava escrever nada, bastava que eu levasse uma foto minha.

Hoje apareceu na vila um letreiro que dizia: Neste bairru animais estam probidos! Então copiei do jeito que estava escrito mas o Professor Girafales nos disse logo que esse letreiro tinha muitos erros de ortografia. O que aconteceu foi que quem escreveu foi o Seu Madruga, que é muito burro.

Mas a idéia não foi de Seu Madruga, e sim da Dona Florinda; ela só pagou a Seu Madruga para escrever o letreiro, porque Dona Florinda não gosta de

animais (tirando o Quico).

Dona Clotilde (ou melhor, a Bruxa do 71) ficou muito irritada quando viu o letreiro, mas Jaiminho, o carteiro, disse-lhe que não se preocupasse, porque enquanto ela pagasse o aluguel em dia ninguém poderia proibi-la de morar ali. Aí Dona Clotilde ficou brava com Jaiminho também, e disse a ele que ela não era nenhum animal. Jaiminho perguntou então por que ela havia se irritado ao ver o letreiro, e ela respondeu que era porque tinha um cachorrinho.

É verdade que o cachorrinho da Dona Clotilde é muito bonito, mas é muito delicado (porque é de uma raça muito refinada). Por isso, come melhor do que eu; porque eu não sou de raça refinada, e sim da mais ordinária.

Dona Clotilde é muito carinhosa com seu cachorrinho e cuida dele como se fosse seu filho. E a Chiquinha disse que isso se deve ao fato de a Dona Clotilde ser solteirona; porque as solteironas quase nunca têm filhos. E, por isso, em vez de filhos, têm cachorros.

Mas as mulheres engordam muito quando vão ter um filho, e eu não me lembro de Dona Clotilde ter engordado pra ter um cachorro. Ou seja, não é a mesma coisa.

Depois ficamos sabendo que Dona Florinda mandou colocar esse letreiro porque ficou com muita raiva quando o cachorrinho da Dona Clotilde entrou na sua casa e fez cocô no tapete da sala. Mas de nada serviu, porque depois de ter colocado o letreiro o cachorrinho tornou a fazer cocô no tapete da sala dela. É que Dona Florinda esqueceu que os cachorros não sabem ler.

Paty não foi mais à escola.

Acho que a família dela foi morar em outro lugar e a levou junto. Mas eu

não sei onde fica esse outro lugar.

Onde será que está a Paty?

O que estará fazendo?

Agora tem outra menina que se senta no lugar da Paty. Mas que diferença!

E mais: não me parece certo que chegue alguém e ocupe o lugar da Paty.

Por isso, tirei-a dali.

Depois fiquei sabendo que foi o Professor Girafales quem pôs a menina

ali. Mas para colocar isso, era melhor não ter colocado nada.



Hloje de manhã, na escola, o Professor Girafales nos contou a história de

Cristóvão Colombo, que é muito interessante.

Cristóvão Colombo foi um descobridor que certa vez foi visitar a rainha

da Espanha e lhe disse que tinha muita vontade de descobrir a América. A rainha

disse que era boa idéia e perguntou o que estava esperando. Aí Colombo disse

que não tinha dinheiro suficiente para as passagens, mas a rainha lhe disse:

— Não se preocupe, eu consigo.

A rainha, que se chamava Isabel e cujo sobrenome era "a católica", foi direto vender umas jóias muito valiosas que tinha, e assim conseguiu dinheiro para comprar três barcos com os respectivos marinheiros, e os deu de presente para Colombo.

Pouco depois, Colombo saiu todo contente pra descobrir a América. Ele ia no barco principal, que se chamava Santa Marina. Os outros dois chamavam-se Tinta e Pinha. E não devem ter sido barcos muito bons, porque quando falava deles, Colombo não os chamava de barcos, e sim de caveiras. Mas o fato é que se alguém lhe dá um presente, você não pode ficar fazendo exigências.

Mas não era fácil descobrir a América, porque para isso havia um problema muito sério: ninguém sabia onde ela estava. Porém, quando menos se esperava, um marinheiro começou a gritar:

- Terra à vista!

Aí foram se informar e perceberam que se tratava da América.

Ali havia muitos índios que se assustaram muitíssimo quando viram que os descobridores já sabiam montar a cavalo. Porque os índios não conheciam os cavalos, e achavam que eram metade homem, metade animal (a metade animal era a parte de baixo). Mas, depois, os descobridores tiveram que descer dos cavalos para ir ao banheiro, aí os índios perceberam que eram pessoas como eles, só que com barba. E pensaram: "Menos mal."

Muito cedo os descobridores perceberam que muitos índios viviam em pirâmides.

E havia outros que morriam em pirâmides.

Os que morriam nas pirâmides era porque arrancavam o coração deles com um troço parecido com uma faca. Eles diziam que eram sacrifícios humanos; mas acho que não eram humanos, muito pelo contrário: eram muito desumanos.

Depois havia outros que comiam os mortos. Até que os descobridores ensinaram para eles que não é permitido comer carne de gente. Principalmente na Quaresma.

Em seguida, Cristóvão Colombo voltou à Espanha e a rainha perguntou:

- E aí? Como foi? E ele respondeu:

- Até aqui, tudo bem.

Mas Cristóvão Colombo estava tão contente de ter descoberto á América que teve vontade de descobri-la de novo. E, no total, descobriu-a quatro vezes. E assim foi, até que morreu.



O que a Paty estará fazendo?

Esta noite Quico nos convidou para assistir a um jogo de futebol em sua casa, mas logo chegou Dona Florinda e disse que futebol era um programa que só interessava à gentalha. E acrescentou que ela gostava era de novelas. Por isso, mudou de canal e pôs numa novela. E o pior de tudo foi que nem o Quico protestou, porque o idiota começou a ver tranqüilamente a novela, em companhia de sua mãe e da Pópis. Mas aí, quando eu estava a ponto de sair dali, entrou correndo o Professor Girafales e disse:

- Vamos, Dona Florinda, ponha no canal onde está passando o futebol.

E isso fez com que Dona Florinda ficasse com aquela cara de vela derretida.

- Quer que ponha o quê?

- No canal onde está dando o futebol — disse o professor. - Você não sabe que hoje é a final do campeonato?

Aí Dona Florinda perguntou ao professor se ele gostava de futebol, e ele respondeu que sim, que adorava. E Dona Florinda disse que ela também. Sendo assim, em pouco tempo estávamos vendo o jogo.

E graças a isso pude aprender muito sobre o futebol. Por exemplo: para ser um bom jogador, primeiro é preciso dar muitos chutes, porque aí pode ser que alguém lhe passe a bola de vez em quando. Em seguida, é preciso aproximar-se do adversário e puxá-lo pela camiseta, pelo calção, pelos braços ou pelos cabelos. Depois é necessário jogar-se no chão para que o juiz marque o pênalti.

Também aprendi que alguns jogadores chutam melhor com a perna direita e outros com a esquerda. Outros chutam melhor com a cabeça.

Além dos jogadores, no campo também há juizes e bandeirinhas.

Os juizes ficam ali para expulsar do campo os jogadores que reclamam de alguma coisa. E os bandeirinhas servem para levantar a bandeira cada vez que alguém marca um gol.

A torcida se diverte muito jogando no campo todo tipo de objeto, como rojões, garrafas, laranjas chupadas, rolos de papel higiênico etc. Uns torcem para um time e outros querem que o outro ganhe. Mas quando o adversário marca um gol, o que marcou estava impedido.

Os que ficam conversando durante a partida são chamados de comentaristas. Mas também há outros que se chamam "coronistas". E outro que se chama Fernando. E todos eles, segundo o Professor Girafales, também competem entre si. Eles competem pra ver quem destrói mais o idioma,

conforme disse o Professor Girafales, que continuou reparando:

— Que absurdo! Não se diz "recepcionou", e sim "recebeu". - E continuou: - Não se diz "rebatimento", se diz "rebatida" - etc.

Mesmo assim, o futebol é muito legal.

Ontem, quando entrávamos na sala de aula, matei uma aranha com um pisão só. O chato foi que a aranha estava no sapato do Professor Girafales, que ficou muito bravo e brigou comigo. Na verdade, ele fez o errado, porque em vez de brigar comigo, devia ter me agradecido, já que salvei sua vida, evitando que a aranha o picasse. Ele disse depois que ela não era venenosa e que, portanto, não havia perigo, mas não tem como perguntar às aranhas se elas são venenosas ou não. O melhor é dar logo um pisão e depois ver. Aí o professor nos perguntou:

- Vocês sabem o que aconteceria se matássemos todos os insetos que há no mundo?

E Nhonho respondeu:

- O que aconteceria é que sentiríamos muita falta da Chiquinha.

Isso fez com que todos ríssemos, menos a Chiquinha, que ficou muito séria e disse ao Nhonho:

- Pois fique sabendo que prefiro ser um inseto a ser um elefante.

E aí começaram a brigar, mas como minha carteira rica entre a do Nhonho e a da Chiquinha, a maioria das pancadas fui eu que recebi.

O bom foi que o Professor Girafales separou logo os dois briguentos. E, em seguida, explicou que se matássemos todos os insetos do mundo, aconteceriam muitas coisas ruins.

Por exemplo: acabariam muitas plantas que precisam de insetos para que

levem o pólen de uma flor a outra (o pólen é uma espécie de pozinho que as flores usam para ter filhos).

Aí eu comentei que seria impossível matar todos os insetos do mundo, porque a léguas de distância percebe-se que há mais insetos do que pessoas no mundo. Isto é, bastaria que eles juntassem todos nós para acabar conosco.

O professor disse que eu tinha razão, mas que, mesmo assim, há outros animais que estão se esgotando. Então a Pópis disse que se estão se esgotando é



porque estão fazendo exercício demais; mas o professor explicou que "esgotar" também quer dizer "acabar", "extinguir-se". E, como exemplo, disse que um pássaro que se chama Pássaro de Fogo está a ponto de se extinguir. Depois, o professor nos perguntou:

- Vocês sabem quem está fazendo com que isso aconteça?

E Godines respondeu:

- Se o pássaro é de fogo, os que devem extingui-lo são os bombeiros.

Mas o professor disse que é o Homem quem está acabando não só com

esses pássaros, mas também com muitos outros animais.

Porém, reconheceu que também há animais que prejudicam a humanidade.

E aí Quico disse que tinha como exemplo as pulgas, que, além de incomodarem as pessoas, incomodam também os cachorros. Isto é, não prejudicam só a humanidade, mas também a "cachorridade".

Depois a Pópis lembrou que ela foi prejudicada por um cavalo, porque a derrubou quando foi montar nele. Mas depois se deu conta de que a culpa tinha sido dela mesma, pois a idiota tentou subir pela direita quando o cavalo estava virando pra esquerda. Ou seja: a Pópis não sabe montar. Bem, eu também não sei montar, mas imagino que não seja tão difícil; é tudo uma questão de saber se equilibrar e segurar bem as rédeas. Aí a Chiquinha disse que eu tinha razão.

- Mas tem uma coisa muito importante - acrescentou ela. - Entre você e o cavalo, só o cavalo pode agarrar as rédeas com o focinho.

Depois Nhonho comentou que seu pai também tinha sido prejudicado por um cavalo. Mas a Chiquinha disse que certamente deveria ter sido o contrário: que o Senhor Barriga é que deve ter prejudicado o cavalo ao montá-lo, porque não há cavalo que agüente tantíssimo peso em cima. Mas Nhonho disse que seu pai nunca montou num cavalo. Então perguntamos se algum cavalo tinha dado um coice em seu pai, e ele respondeu que não, que também não era isso; que estava falando de um cavalo que havia prejudicado seu pai por ter chegado em último lugar na corrida do hipódromo.

Depois me perguntaram e eu respondi que os animais que mais perturbam são os cães quando estão com raiva e os gatos quando cismam de arranhar.

Finalmente, a Chiquinha disse que o animal que mais tem prejudicado a

humanidade é a cegonha.

Ontem à tarde, Dona Clotilde deu uns pastéis para Seu Madruga.

Mas a Chiquinha disse que esses pastéis podiam ter alguma bruxaria para enfeitiçar seu pai, porque Seu Madruga nunca quis se casar com Dona Clotilde, que é o que ela mais quer na vida. Aí a Chiquinha me disse que precisava se sacrificar provando um dos pastéis antes de seu pai. Ou seja, comeu um pastel. Então eu disse que também queria me sacrificar um pouquinho. Ou seja, também comi um pastel. E depois continuamos nos sacrificando até que acabamos com os pastéis.

Como é bonito se sacrificar pelos outros!

O chato foi que quando Seu Madruga chegou eu estava me sacrificando com o último pastel, e ele se irritou muito comigo. Com a Chiquinha não pôde se irritar porque ela não estava mais ali. É que ela tinha visto pela janela que seu pai estava chegando, e lembrou que tinha uma coisa muito importante pra fazer. Ou seja: a Chiquinha não pôde me ajudar a explicar ao pai .dela que havíamos nos sacrificado por ele; e como Seu Madruga é muito burro, não entendeu nada. E ainda me deu uns cascudos.



Pópis

O Professor Girafales me deixou de castigo porque eu disse que o Quico é idiota. E isso não está certo, porque o próprio professor nos fala toda hora que devemos dizer sempre a verdade.

Bom, talvez eu esteja enganado; mas não muito, porque eu disse que o Quico era idiota de nascença, e a Chiquinha disse que não; que ele não era idiota de nascença, e sim pela maioria de votos.

Fizemos a votação entre todas as crianças da sala de aula, e o resultado foi

que o único voto contra foi do próprio Quico. Ou seja, com isso demonstrou ser mais idiota do que pensávamos, pois só os idiotas não se dão conta de que são idiotas.

Pra se ter uma idéia, até a própria Pópis votou a favor! E isso porque é prima do Quico! E ainda assim reconhece!



Por exemplo: um dia, o Professor Girafales estava falando dos quatro pontos cardeais, e a Pópis disse que os cardeais são como os bispos, só que usam outro chapeuzinho.

E outro dia o professor estava contando que o México perdeu metade de seu território, e aí a Pópis disse:

— E porque não presta atenção ao lugar onde deixa as coisas.

O Professor Girafales disse que a escola é a fonte do saber, e que nós, as crianças, vamos lá para beber dessa fonte. Mas a Chiquinha disse que a Pópis

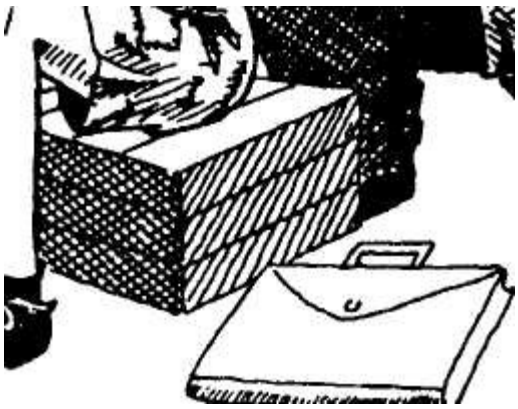
nunca bebeu nem uma gota dessa fonte do saber; no máximo, fez uns gargarejos.

O que acontece é que, segundo a Chiquinha, a Pópis é a mais pessoa mais idiota da escola. Mas eu acho que o Quico ganha dela.

Bem, também tem o fato de a Pópis e o Quico serem primos. Ou seja, é mal de família.

E Nhonho disse que o que acontece com a Pópis e com o Quico é que nenhum deles usa o cérebro. Mas eu acho que é uma boa, porque coisa sem utilidade é melhor não usar.

Há quem diga que tem um ladrão na vizinhança, pois ultimamente tem



sumido muitas coisas que foram roubadas. Se bem que as coisas também podem ter desaparecido por alguma magia da Bruxa do 71; mas já lhe perguntei e ela disse que não. Aliás, a Bruxa do 71 ficou muito brava comigo por ter feito essa pergunta, porque disse que era a mesma coisa que chamá-la de bruxa. Mas isso é mentira, porque nem me atrevo a pensar que a senhorita Clotilde é uma bruxa. Vai que ela lê meu pensamento e me transforma num sapo...

Ou seja, deve ter, sim, um ladrão na vila. O que está errado, porque ninguém deve roubar as coisas que pertencem aos outros.

Alguns acham que o ladrão pode ser o Seu Madruga. Mas eu não acredito, porque outro dia roubaram o ferro de passar de Dona Florinda e Seu Madruga

nunca teria sido tão corajoso. Porque Seu Madruga sabe que Dona Florinda pode quebrar aquilo que ele chama de cara; como aconteceu uma vez que lhe deu meia hora de tabefes e avisou que na próxima seria pior.

Jaiminho, o carteiro, também não seria capaz de roubar, porque ele prefere evitar a fadiga.

E alguns disseram que o ladrão era eu, mas isso é mentira. Fiquei arrasado.

Até hoje só roubei algumas coisas de comer. Como uma vez que roubei um pedaço do bolo que Dona Clotilde deixou na janela de sua casa. Mas foi sem querer querendo, porque eu não queria roubar esse pedaço de bolo; eu só queria experimentar. Mas aí experimentei mais um pouquinho.

E depois experimentei os outros.

Senhor Barriga continua pensando que o Seu Madruga é o ladrão da vila, já que ele continua devendo o aluguel.

Mas a Chiquinha disse que uma coisa não tem nada a ver com a outra, pois os ladrões vivem escondidos e disfarçados, enquanto Seu Madruga anda sempre com a cara descoberta. Eu apoiei a Chiquinha, pois lhe disse que, tendo a cara do Seu Madruga, era preciso ser muito corajoso pra deixá-la descoberta.

A Chiquinha não gostou do que eu disse, e ainda garantiu que isso não servia para apoiar o seu pai.

Depois a própria Chiquinha comentou que estava falando dos que cobrem a cara com lenços, ou coisas assim. Que não se pode confiar neles.

Com isso o Senhor Barriga concordou; mas nos contou que também há muitos outros, que andam de terno e gravata, que são os que mais roubam. Ele nos explicou que esses ladrões de terno e gravata se disfarçam às vezes de coisas

que nós, crianças, ainda não conseguimos compreender muito bem, mas que em breve, quando formos adultos, encontraremos montes deles por aí.



Seu Madruga

O pessoal continua falando do ladrão que deve haver na vila. Eu comentei que queria ser o Chapolin Colorado para poder pegá-lo, mas Quico disse que eu não sirvo pra isso. Então eu disse a ele que sim, que inclusive tinha um plano para pegar o ladrão, que consistia em deixar alguma coisa à vista de todo mundo e ficar espiando para descobrir quem é que chegava pra roubar.

Quico gostou muito desta idéia, pois disse que seria como brincar de polícia-e-ladrão, só que de verdade. E aí combinamos que era isso que a gente ia fazer.

Tomara que dê certo.



À noite, fizemos o que tínhamos planejado: Quico pegou de sua casa o liqüidificador que sua mãe usa pra cozinhar e o colocamos no meio do pátio.

Depois nos escondemos e ficamos espiando pra ver quem vinha roubá-lo.
Pouco depois chegou Seu Madruga, que tropeçou no liqüidificador e caiu como um chimpanzé reumático. Depois se levantou irritadíssimo e deu um pontapé no liqüidificador. Mas tenho certeza de que doeu mais nele do que no liqüidificador, pois entrou em casa mancando (e falando muitos palavrões).
Mas não roubou o liqüidificador. O que comprova que Seu Madruga não é o ladrão da vila.
O chato foi que, com o pontapé, o liqüidificador foi parar num canto difícil de ser visto pelas pessoas que estavam passando.
Porém, depois de um bom tempo, Quico e eu vimos que entrava pelo portão um sujeito que não mora na vila, e que andava com um jeito assim de malfeitor. Ele já estava quase saindo novamente, quando viu o liqüidificador. Então o pegou e saiu correndo a toda velocidade.
Ou seja, o mais provável é que esse cara seja o ladrão.
E, como eu suspeitava, não mora na vila.
Hoje dê manhã vimos que Dona Florinda estava muito preocupada, dizendo que o ladrão tinha entrado na sua casa e roubado o seu liqüidificador novinho.
Só Quico e eu sabemos que o ladrão não entrou na casa dela, e sim que roubou o liqüidificador no próprio pátio. Porém, decidimos não falar nada até ter certeza absoluta.
Sendo assim, à noite fizemos a mesma coisa que no dia anterior, só que desta vez o que levamos pro pátio foi uma cafeteira elétrica que Quico também pegou da sua casa. Mas o resultado foi o mesmo, porque o mesmo cara entrou na

vila e roubou a cafeteira.

Ou seja, muita coincidência, né?

Dona Florinda continua sem saber a verdade, porque hoje de manha comentou que roubaram sua cafeteira elétrica; e continua achando que o ladrão entrou na casa dela para roubar, e nem sequer suspeita de que a cafeteira estava no pátio quando foi roubada.

Mas Quico e eu tínhamos visto com toda clareza quando ficamos espiando.

Porém, para que não restasse nenhuma dúvida, decidimos repetir o teste pela terceira vez. Eu só estou esperando que o Quico saia de casa com a torradeira que o Professor Girafales acabou de dar de presente pra Dona Florinda. Também vamos deixá-la ali no meio do pátio para espiar e ver quem é que vai roubar; mas com certeza vai ser o mesmo cara.

À noite fiquei esperando, esperando, e nada de o Quico sair de casa com a torradeira. Acho que até acabei dormindo.

Mas hoje, lá pelo meio-dia, a Chiquinha me contou que ficou ouvindo uma conversa entre Dona Florinda e o Professor Girafales, e que ela dizia que estava tristíssima, porque tinha surpreendido o Quico quando ele tentava roubar a



torradeira que ela havia acabado de ganhar do professor.

Mas o pior de tudo foi que, segundo o que a Chiquinha ouviu, Quico disse que tudo tinha sido idéia do Chaves (que sou eu). Ou seja, agora nem morto que me aproximo da casa da velha coroca.

De tudo isso, a única coisa boa foi que Dona Florinda contou de que maneira havia surpreendido o Quico: ficando acordada pra espiar e ver quem entrava pra roubar.

Ou seja, copiou meu plano descaradamente.

Eu gosto muito de escutar música. Mas só quando a música é bonita. Ou seja: quando você sente coisas bonitas ao escutá-la. Por outro lado, tem músicas que mal começam a tocar e dá vontade de tapar os ouvidos.

O Professor Girafales disse que há três tipos de notas musicais: pretas, brancas e redondas. Mas acho que ele se enganou, porque, na verdade, todas são redondinhas. O que é diferente é que algumas têm um tracinho e outras não. E

os tracinhos também são diferentes, porque às vezes vêm com uma espécie de bandeirinha.

O professor também disse que as brancas valem o dobro das pretas, mas a Chiquinha respondeu que só os racistas pensam assim; ou seja, os brancos que



não gostam de pretos.

Depois o professor nos perguntou se sabíamos quais eram as redondas, e eu disse que as redondas eram as irmãs do Nhonho.

Todo mundo caiu na gargalhada, menos o Nhonho, que me tacou na cabeça um bilboquê de madeira maciça e eu sangrei à beça. Aí eu disse a ele:

— Da próxima vez, taça a sua irmã! Mas a Pópis disse:

- Não, Chaves, você ficaria amassado.

De qualquer jeito, o professor teve que separar a gente.

Em pouco tempo, a aula recomeçou, e o Professor
Girafales disse que na música não só o som é importante, mas também o
silêncio (principalmente quando o Quico está cantando!).
Depois, quando fomos pro recreio, Nhonho me pediu pra devolver o
bilboquê dele. E eu devolvi, mas bem no meio da pança dele.
Seu Madruga me convidou ontem pra assistir a uma corrida de touros na
sua televisão; mas eu gosto mais de futebol.
Na corrida ganharam os toureiros. E isso sendo seis touros e só três
toureiros!
É verdade que os touros têm chifres e os toureiros não. Mas, por outro
lado, os toureiros têm espadas e os touros não. Além disso, os toureiros são
ajudados pelo picador, que é um sujeito gordo a cavalo que carrega uma espécie
de lança. E há também os que pegam e cravam bandeirinhas nos touros quando
eles estão distraídos.
A primeira coisa que os toureiros fazem é estontear o touro com uma capa
que de um lado é vermelha e do outro não. E como os touros não gostam de
vermelho, o que tentam fazer é dar chifradas na capa. Por isso, o toureiro tem
que ficar muito atento para tirar a capa antes que o touro dê uma chifrada. Mas
tem touros mais espertos que os toureiros, que fingem que vão chifrar a capa mas
o que fazem é chifrar o toureiro.
As chifradas doem muitíssissimo, porque chegam a sangrar. Depois eles
enterram bandeirinhas nas costas do touro, o que também dói muitíssissimo.
Porque os touros sentem como nós. Só que eles não falam a nossa língua e por
isso não dizem nada. Mas dá pra ver.

Depois pegam outra capa que se chama muleta, mas que não tem nada a ver com aquelas que algumas pessoas usam pra caminhar (ou seja, são de pano). Estas muletas servem para o toureiro continuar toureando mais um pouco.
Mas antes disso o picador já enterrou sua lança no touro. E isso também dói muitíssisimo.
Eu não sei se os touros têm lágrimas nos olhos, como todos nós. E como não os vi de pertinho, não sei se estavam chorando, mas fazem tanta maldade com eles que acho que sim.
E até os matam depois.
Hoie de manhã, no recreio, em vez de brincar, ficamos falando sobre a História do Brasil.
Nhonho disse que Dom Pedro I passou muito mal e ficou a noite inteira gritando porque estava com dor de barriga; mas a Pópis disse que não, que ele ficou doente porque passou a noite do dia 7 de setembro de 1822 dando o "Grito do Ipiranga".



Godines

O que sabíamos era que o melhor amigo de Dom Pedro I se chamava José Bonifácio. Ele também tinha uma grande amiga que se chamava Princesa Isabel, que ficou muito famosa porque colocaram seu retrato nas antigas notas de duzentos cruzeiros. Aliás, o Professor Girafales chamou a atenção da Chiquinha, pois quando perguntou a ela quem havia sido o maior inimigo da princesa Isabel, a Chiquinha respondeu:

— Sua cabeleireira.

Na sala também houve outra discussão quando o professor perguntou qual havia sido o maior obstáculo dos Inconfidentes. Eu disse que eram os sinais de trânsito e a Pópis disse que eram os guardas. Godines disse que eram os buracos, mas a Chiquinha disse que não, que não tem buracos na Inconfidentes, e sim nas outras ruas. Depois Nhonho disse que, para o pai dele, o maior obstáculo da Inconfidentes é que não se podem estacionar carros lá. E os outros opinaram outras coisas, e quando a conversa estava ficando animada, o professor disse que não estava falando da avenida dos Inconfidentes, e sim da Inconfidência, movimento que reuniu fazendeiros, intelectuais, religiosos e militares numa conspiração para acabar com a dominação portuguesa e criar um país livre no Brasil, em 1789. O chato é que, apesar das boas intenções, o líder Tiradentes e seus amigos não estavam bem organizados. Ou seja, a mesma coisa que acontece com os sinais e os guardas.

Mas o mais triste de tudo foi que o líder dos inconfidentes, Tiradentes, não pôde ver a independência do Brasil, porque antes disso foi enforcado. Ou

seja, tem mais mérito ainda a vitória dos Inconfidentes, porque desde o início ficaram com um homem a menos.

O chato foi que, depois da Independência, a coisa não mudou muito, e Dom Pedro foi perdendo força até que entrou o regime republicano. E desde então ninguém mais quer ser imperador. Ou seja, todos querem ser presidentes.

A Chiquinha conseguiu emprestado o ferro de passar do Jaiminho.

Perguntei pra que ela queria, se ela nunca passava sua roupa, pois quem sempre fazia isso era sua bisavó. Mas a Chiquinha respondeu que queria o ferro pra passar Serafina, a boneca da Pópis.

A Pópis ficou muito brava quando soube o que a Chiquinha queria fazer com sua boneca, mas a Chiquinha disse que isso era o que ultimamente vinham fazendo todas as atrizes de TV: passando a cara. E como exemplo, nos mostrou uma revista em que havia fotos e falavam de muitas artistas que haviam feito isso.

E a verdade é que, pelas fotos, dava pra notar que tinham ficado com a pele mais lisinha. Ou seja, não tão enrugada como era antes.

A Chiquinha disse que faziam isso com uma cirurgia, mas que, no fim, era a mesma coisa que passar o ferro na cara.

De todo modo, a Pópis ficou na dúvida. E disse que só deixaria a Chiquinha passar a cara de sua boneca se ela antes passasse a cara da sua bisavó, Dona Neves (que tem a pele mais enrugada que a de uma tartaruga velha). Mas Dona Neves disse que nem que estivesse louca deixaria.

Com isso, a Pópis continuou duvidando que se pudesse melhorar a cara das pessoas com cirurgia; se bem que nas fotos da revista dava pra perceber que também havia narizes muito diferentes (mas diferentes dos que havia antes,

porque os novos eram todos iguaizinhos). Além disso, tinha as pálpebras que não se pareciam mais com guarda-chuvas arrebentados e papadas que não pareciam mais balões murchos.

Mas a Chiquinha disse à Pópis que não só se pode melhorar a cara das pessoas, como também o corpo. Aí a Pópis disse a ela:

— E o que você está esperando pra que coloquem o meio metro de altura que lhe faz falta?

Sorte que a Pópis se abaixou quando a Chiquinha tacou o ferro na cabeça dela.

Por falar em cirurgias capazes de mudar as pessoas, me lembrei que uma vez Nhonho nos contou que tem primos que são gêmeos (ou seja, que nasceram no mesmo dia), que são muito parecidos (principalmente um deles, porque o outro nem tanto).

O que aconteceu foi que um deles nasceu com os rins não muito bons (antes não tinham percebido porque os rins ficam do lado de dentro). Mas então lembraram que seu irmão gêmeo era muito parecido, e que, portanto, poderia doar um de seus rins, já que cada pessoa tem dois rins.

E assim fizeram.

A verdade é que eu não imaginava como uma pessoa poderia dar uma parte de seu corpo para outra. Porque não se pode dizer: "Olha, lhe empresto meu nariz, e logo, logo volto pra buscá-lo." Mas Nhonho nos disse que os médicos é que cuidavam disso, e que era possível fazer o mesmo com pulmões, coração, fígado, bucho, maminha, língua etc.

Então caímos na gargalhada só de pensar como ficaria o Seu Madruga se o

Quico desse pra ele suas bochechas de buldogue velho. Ou a Pópis com os bigodes do Jaiminho, o carteiro. Ou eu, com as patas do Professor Lingüiça. Ou a Chiquinha com a bunda do Nhonho.



Quico

Hoje de manhã fiz um favor para Dona Clotilde, e como pagamento ela me deu um sanduíche de presunto. Mas quando eu ia começar a comer, chegou o Quico e, com um murro, tacou meu sanduíche longe, dizendo que ele devia ter alguma coisa ruim, já que havia sido feito pela Dona Clotilde, que é uma bruxa. Mas aí me lembrei de uma coisa que o Nhonho havia dito uma vez: que ainda não estava totalmente comprovado que Dona Clotilde fosse uma bruxa. Ou seja, peguei o sanduíche do chão pra comê-lo. Porém, isso deixou Quico desesperado e ele tornou a me tirar o sanduíche com outro murro. Por isso, fiquei com vontade de pegar o Quico e quebrar aquilo que ele chama de cara, mas não o fiz, porque o mais urgente era pegar o sanduíche para comer.
O chato foi que a Bruxa do 71 percebeu e me disse pra não pegar o sanduíche do chão, porque o diabo já o teria beijado. Mas eu não vi nenhum



diabo por ali; portanto, peguei o sanduíche do chão pra continuar a comer. Aí o Quico voltou e o jogou longe de novo, com outro murro.

Então achei que era melhor primeiro quebrar a cara do Quico e, em seguida, pegar o sanduíche do chão.

Mas Quico saiu correndo outra vez, e, na passagem, deu um pisão no sanduíche. Ou seja, não me restava outro remédio senão pegar o Quico e dar uns bons tabefes nas suas bochechas de buldogue velho.

Mas Jaiminho, o carteiro, me disse que isso seria cometer um ato de vingança. E também disse que "a vingança nunca é boa, mata a alma e a envenena".

Eu acho que Jaiminho tem razão de ter dito isso, mas também acho que ele podia ter esperado pra me dizer isso depois que eu tivesse quebrado a cara do Quico.

N a escola nos explicaram a diferença entre um reino e uma república: num reino, quem manda é o rei, e numa república, quem manda é o presidente. Para que alguém seja rei, quem o escolhe é seu pai, que é o rei que tinha antes. Por outro lado, para que alguém seja presidente, quem o escolhe é o



presidente que havia antes.

Nosso país não é um reino, e sim uma república. Por isso, aqui não se deve dizer, por exemplo, que uma árvore pertence ao reino vegetal, e uma pedra, ao reino mineral. Devemos dizer que a árvore pertence à república vegetal, e a pedra, à república mineral.

Pelo mesmo motivo, também não se deve dizer que num determinado lugar reinava a desordem, e sim que republicava a desordem. E o leão não é o rei da selva, e sim o presidente da selva.

Portanto, na hora de rezar, devemos dizer: "Pai nosso, que estais no céu, santificado seja o vosso nome, venha a nós a vossa república... etc."

Hoje, durante o dia todinho, Jaiminho, o carteiro, não saiu de casa pra nada. Chiquinha e eu achamos que ele podia estar doente, porque já tinha acontecido isso uma vez; então resolvemos subir e perguntar pra ele.

Mas da última vez tivemos muito trabalho, porque a porta estava fechada por dentro com um trinco. E Jaiminho não respondia, por mais que batêssemos na porta e chamássemos por ele. Mas o que aconteceu naquela vez foi que o pobre do Jaiminho estava tão fraco que não tinha nem força pra levantar o trinco da porta.

Por isso, quando finalmente melhorou, Jaiminho decidiu que o melhor era que sua casa não tivesse trinco. E tinha razão, porque os trincos das portas só servem para que não entrem os ladrões, mas que ladrão vai querer entrar numa casa onde não tem nada para roubar?

Antigamente sim, havia algo que se poderia roubar: a bicicleta de Jaiminho.

Mas já faz mais ou menos quatro semanas que Jaiminho a vendeu, pois precisava de dinheiro para comprar remédios.

O chato é que, pelo jeito, os tais remédios não eram tão bons assim...

O Professor Girafales nos contou que a História começou a ser escrita há milhões de anos. Ou seja: já tiveram tempo suficiente pra acabar de escrevê-la, não? Porque, nesse ritmo, não vão acabar nunca.

Depois escreveu uma coisa no quadro e mandou que a gente copiasse. Foi isso que eu copiei:

"Devemos estudar História sem gerar sentimentos de ódio; sem espírito de vingança. Não para piorar as coisas, e sim para melhorá-las. Em uma palavra: com Amor. "

E como não entendemos muito bem o que ele queria dizer, depois nos explicou que há livros e professores que, com suas lições de história, o que fazem é nos ensinar a odiar o próximo. Por exemplo: os espanhóis, por terem

conquistado o México; os americanos, por terem ficado com a metade do território mexicano; os franceses, por terem nos imposto um imperador que não era daqui etc. Mas isso é muito ruim. Não devemos odiar ninguém.

E, menos ainda, odiar uma pessoa pelo que seus antepassados fizeram de errado. Por exemplo: sabe-se que entre os espanhóis que conquistaram os mexicanos havia de tudo: maus, regulares e bons. Os maus levaram todo o ouro e toda a prata que podiam, além de terem maltratado os índios, que tinham de fugir escondendo-se na mata virgem (aliás, o professor explicou que se chama "mata virgem" aquela em que o Homem não entrou. Ou seja: depois que chegaram os espanhóis, nem a mata ficou virgem). Mas os bons, por outro lado, defendiam os índios e lhes ensinavam a fazer coisas úteis. Os melhores eram os missionários, que, além de tudo, ensinavam aos índios o que fazer pra manter a alma limpa (os índios, por sua vez, ensinavam aos espanhóis o que fazer pra manter o corpo limpo).

Mas ainda que levássemos em conta só os maus, os espanhóis de hoje não são mais aqueles que nos conquistaram. Portanto, não devemos odiar alguém pelo que seus antepassados fizeram. Ou seja: é como se o Quico se odiasse porque seus pais o fizeram tão feio.

Depois o Professor Girafales nos disse que também não devemos odiar os norte-americanos (que continuam sendo os gringos) por terem tirado a metade do território do México (aliás, Seu Madruga contou que tiraram a melhor parte, ou seja, onde estão as melhores estradas e tudo o mais). Porque o professor disse que não foi culpa só deles, mas também de muitos mexicanos que preferiam lutar entre si a se defender deles. E isso está errado, porque, se entram na sua casa pra

roubar, o mais importante é se defender dos ladrões, antes de brigar com seus irmãos.

E, de qualquer jeito, acho que aqueles gringos também não são os mesmos de hoje. Ou seja: é pra rezar e pedir a Deus que os de hoje não sejam piores do que aqueles.

Depois o professor nos explicou a história do imperador que os franceses puseram no México: chamava-se Maxi-miliano, mas o mais curioso é que não era francês, e sim australiano. E dizem que ele nasceu na ambulância, porque era da família dos Absurdos. Aí, Godines disse que, por outro lado, quem fora francês era Pancho Villa, mas o professor lhe perguntou de onde ele tinha tirado a idéia de que Pancho Villa era francês, e Godines disse que era Francesco Villa.

Depois a Chiquinha perguntou o seguinte: se Maxi-miliano não era francês, por que se dizia que era uma invasão de franceses? E o professor respondeu que quem enviara Maximiliano havia sido o imperador da França, que se chamava Napoleão. Aí a Chiquinha disse que esse ela conhecia, pois tinha ficado muito famoso pela sua pobreza. Mas o professor disse que não, que Napoleão não tinha sido pobre, e a Chiquinha respondeu:

— Mas eu vi que ele andava com uma mão na frente e outra atrás! — (E disse isso rindo, sabe-se lá por quê.) E o Professor Girafales lhe disse que, em primeiro lugar, ela estava falando de Napoleão Primeiro (e escreveu no quadro assim: Napoleão I), e que ele estava se referindo a Napoleão Terceiro (e escreveu assim: Napoleão III). Aí perguntei se não eram a mesma pessoa. E o professor me disse que não. Como é que o primeiro podia ser o mesmo que o terceiro? É que eu achava que eram a mesma pessoa, só que iam colocando tracinhos

conforme ela fazia aniversário.

Aí o professor deu um suspiro e pediu que tornássemos a copiar o que estava no quadro.

E, portanto, tornei a copiar:

"Devemos estudar História sem gerar sentimentos de ódio; sem espírito de vingança. Não para piorar as coisas, e sim para melhorá-las. Em uma palavra: com Amor. "

5 É óbvio que o Chaves ouviu mal quando o professor disse "austríaco". (N. do A.)

6 O professor deve ter dito que Maximiliano nasceu na "opulência". (N. do A.)

7 Não há dúvida: o professor só pode ter dito "Habsburgos". (N. do A.)



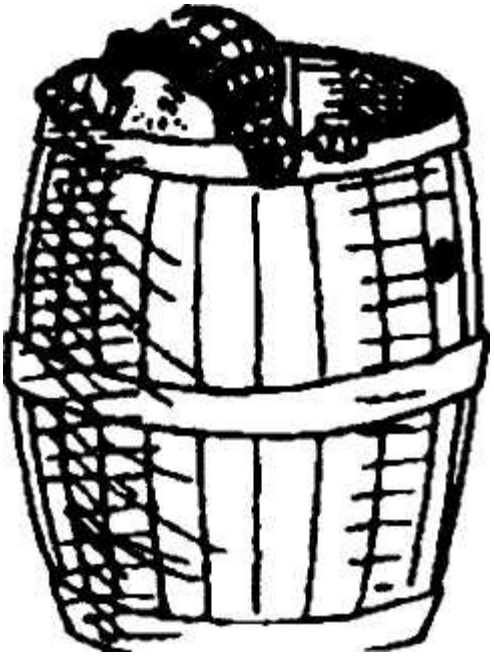
Hoje de manhã Dona Florinda me deu um real por um favor que fiz pra ela. Aí chegou a Chiquinha e me aconselhou a enterrar o dinheiro num vaso e dizer pra Dona Florinda que alguém havia me roubado. Eu perguntei o que ganharia com isso, e a Chiquinha me respondeu que eu ganharia duas coisas: primeiro, Dona Florinda ficaria com pena de mim por terem roubado a moeda e,

portanto, me daria outra. Segundo, que depois de ter plantado o real no vaso, ali cresceria uma árvore de dinheiro que todos os anos me daria muitíssimas moedas.

A idéia me pareceu muito boa e, assim, fui correndo plantar meu real num vaso.

Depois fui falar com Jaiminho para que não se preocupasse mais com a quantia que gastava com remédios, pois muito em breve eu ia poder emprestar quanto ele precisasse. Mas Jaiminho me perguntou como eu ia conseguir esse dinheiro, e quando lhe expliquei a história da árvore de moedas, ele me disse que isso era mentira, porque o dinheiro não se reproduz como as laranjas e os limões.

Achei que Jaiminho tinha razão, porque ele entende muito de plantas e essas coisas. Portanto, fui desenterrar meu real do vaso, mas quando vi, a moeda



tinha desaparecido. Ou seja, alguém a roubara.

Isso me deixou muito triste e aí comecei a chorar e me meti no barril.

Rapidinho chegou a Chiquinha e me perguntou por que eu estava chorando, e eu lhe contei que alguém tinha roubado a moeda que enterrei no

vaso. Aí a Chiquinha me disse:

- Isso aí, Chavinho, está fazendo direitinho! Quando Dona Florinda vir você chorando assim, com tanta sinceridade, certamente vai acreditar que roubaram sua moeda.

Mas eu lhe disse que era justamente o que havia acontecido; que alguém tinha roubado minha moeda. Mas a idiota não entendia e continuava insistindo:

- Pois é, pois é, Chaves, que bom ator você é!

Isso me deu muita raiva. E eu disse a ela que não fosse idiota, que a verdade é que eu não estava representando, e sim dizendo a verdade; mas de nada adiantou, porque a Chiquinha continuou sem entender.

E estávamos justamente discutindo isso quando chegou o Professor Girafales e nos perguntou o que estava acontecendo. Eu expliquei tudo, mas quando terminei percebi que a Chiquinha não estava mais lá. Ou seja, não pude comprovar ao professor o que eu dizia.

Aí o professor me deu de presente um real igualzinho ao que eu tinha antes e me disse que ia procurar a Chiquinha para conversar com ela.

À noite a Chiquinha me contou que tinha encontrado um menino muito malvado, que tinha roubado a moeda do vaso. Que com certeza tinha ficado me espiando enquanto eu a enterrava, e depois a desenterrou e fugiu com ela. Mas depois a Chiquinha o alcançou, deu-lhe uns tabefes e recuperou minha moeda.

Por isso adoro ela.

E por isso fomos à loja e gastamos o real (cinqüenta centavos pra cada um).

Mas a Chiquinha me disse que o que eu estava fazendo era uma caridade, e

que as pessoas não devem ficar contando que fazem obras de caridade, porque senão se perde todo o mérito. Por isso, me pediu para não contar pro Professor Girafales. E eu nunca vou contar.

Faz uns dias que a Chiquinha está morando com sua bisavó, em vez de com seu pai, porque Seu Madruga está trabalhando longe de casa.

Bom, isso foi o que disse a Chiquinha, mas eu acho que só metade da história é verdadeira. Ou seja, é verdade que seu pai está longe de casa, mas não é verdade que está trabalhando. O mais provável é que esteja procurando um jeito de ganhar dinheiro sem ter de trabalhar. E também pode ser que esteja preso.

A bisavó da Chiquinha chama-se Dona Neves. Esse nome lhe cai como uma luva, porque ela tem o cabelo branquinho como a neve. Mas também não é o que chamaríamos de branco. Ou seja, não é tão branco como coco ralado, mas parecido com polpa de pinha. Mas essas pinhas que já estão estragadas.

O chato é que, no fim das contas, a bisavó da Chiquinha é tão braba quanto Seu Madruga, porque faz poucos dias que está aqui na vila e já me deu vários cascudos. E também pegou a mania de chorar da Chiquinha. Ou seja, as duas choram sem razão nenhuma, mas com um detalhe: com uns agudos que a



gente consegue escutar a vinte quarteirões de distância.

Aliás, a Chiquinha não sabe pronunciar a palavra "bisavó", porque ela sempre diz "biscavó".

De qualquer jeito, estou sentindo muito a falta do Seu Madruga, porque ele pode ser covarde, preguiçoso, mentiroso e irritante, mas ele também é muito simpático.

Nhonho voltou das férias e me contou que encontrou uma menina que se chama Patrícia Gimenes, que me mandou um abraço; mas eu não me lembro de quem se trata.

O Natal é a coisa mais linda do mundo.

As casas ficam enfeitadas com presépios e árvores iluminadas com luzes coloridas, que acendem e apagam. As luzes parecem estrelas.

As ruas e as lojas também são enfeitadas.

Nas igrejas escutam-se músicas lindas.

Convidaram-me para passar a noite de Natal na casa de Dona Florinda, e me deixaram comer tudo o que eu quisesse. Lá estavam todos: o Professor Girafales, o Senhor Barriga, Nhonho, Dona Florinda, Quico, Pópis, Chiquinha, Seu Madruga, Dona Neves, Godines, Jaiminho, o carteiro, e Dona Clotilde (nesse momento não vou chamar a Dona Clotilde de Bruxa do 71, porque na época de Natal não fica bem).

A meia-noite todos se abraçaram. Mas quem mais me abraçou foi a Chiquinha. Dona Florinda abraçou muito o Professor Girafales. E Dona Clotilde queria abraçar muito o Seu Madruga e o Jaiminho, o carteiro, mas eles não estavam com muita vontade.

Ao pé da árvore havia muitos embrulhos, feitos com papéis de todas as cores. Eram presentes que o Senhor Barriga havia levado pra todos. E tinha até um pra mim! Era um carrinho de plástico, muitissíssimo mais bonito do que os que eu faço com as caixas de papelão.

Mas não fiquei muito tempo com esse carrinho, porque, no dia seguinte, dei de presente para o filho da porteira da vila. É que o filho da porteira é uma criança pobre.

Professor Girafales me disse que cada vez que eu respiro, nasce uma criança no mundo. Mas não tenho como parar de respirar...

Mas depois me explicou que o que ele queria dizer é que neste mundo já tem muitos habitantes, habitantas e habitantinhos; e que o chato é que as pessoas ficam o tempo todo nascendo. Ou seja, vai chegar uma hora em que não vai caber tanta gente. E, quando isso acontecer, o que vão fazer os que estão

sobrando?

Claro que os que estão sobrando somos nós, os pobres, porque os ricos quase não têm filhos. É que os pais dos ricos têm outras maneiras de se divertir.

Ontem aconteceu outra vez a mesma coisa; Jaiminho não saiu de casa pra nada.



Percebi porque eu tinha ficado esperando ele descer para brincar no quinto andar da escada.

Mas ele não descia por nada.

Então subi pra ver o que estava acontecendo.

E o que aconteceu é que estava morto.

Estava com os olhos fechados, como se estivesse só dormindo. E até parecia que estava sonhando com uma coisa bonita, pois parecia muito contente.

Mas não pode ser, porque duvido que ele quisesse morrer.

Quem sabe, né? Jaiminho sempre disse que queria evitar a fadiga.

Ou seja, agora evitou a fadiga pra sempre.



Jaiminho

o carteiro

O Professor Girafales nos ensinou que a palavra "inflação" não quer dizer somente que algo está inflado, mas também que as coisas estão cada vez mais caras.

Por isso Nhonho é uma criança mais cara do que eu; porque ele está tão gordo quanto um globo bem inflado. Eu, por outro lado, estou parecendo um globo bem desinflado. Por isso sou uma criança muito barata.

Eu queria ser uma criança cara, porque as crianças caras comem muito bem todos os dias. Mas são poucas as crianças caras; a maioria é barata.

O professor também nos disse que é muito importante saber economizar, pois os que economizam sempre têm alguma coisa quando a inflação chega.

Eu me lembro que, pouco antes de morrer, Jaiminho, o carteiro, me disse que economizar é o mesmo que guardar. E que a mesma coisa acontece com a memória, porque as pessoas guardam na memória as coisas de que se lembram.

Ou seja: se você não se lembra de alguma coisa, é porque não a guardou na memória.

Isso quer dizer que economizar é bom. Mas nem sempre; só quando você guarda coisas boas. Porque, por exemplo: não é bom guardar lixo; é melhor jogá-lo fora. Por outro lado, é bom guardar um pouco de dinheiro, para o caso de a inflação chegar.

E a mesma coisa vale para as recordações. Por exemplo: se você briga com outra criança, nunca guarde essa recordação na memória, porque se você lembrar, vai sofrer de novo.

E o contrário: se você viveu uma coisa muito boa, então é melhor que se lembre disso a todo o momento, porque aí toda hora vai sentir que está contente.

E a felicidade é quando você está contente.

Ou seja: é melhor guardar na memória só lembranças das coisas boas.

Porque pode vir uma inflação de felicidade.

Fim

Esta palavra estava escrita na última página do caderno. Por isso decidimos publicar com o título de Diário do Chaves. Mas isso não é (nem deve ser) um final, já que, salvo óbvias exceções, os diários distinguem-se justamente por isso: por não terem um final. E as exceções costumam ser tristes. Tão tristes, por exemplo, como o final que está implícito no próprio fato de que um diário anuncie que está chegando ao fim...

Mas este não é o caso, felizmente, do Chaves. O Diário termina porque o caderno não tinha mais páginas para oferecer a este autor principiante; mas é claro que a vida continua. O que termina é o escrever cotidiano, mas o acontecer cotidiano continua; o acúmulo de experiências diárias que depois poderiam ser narradas em outro caderno (e em outro livro?).

Mas como é que fica agora a vida que continua? O que acontece nela?

Tentei descobrir. Voltei várias vezes ao parque; procurei incansavelmente saber; perguntei, perguntei; sentei-me no mesmo banco em que estava quando o Chaves engraxou meus sapatos; no mesmo lugar em que ele havia esquecido seu caderno. Mas foi tudo em vão.

E só me resta uma saída: que chegue às mãos dele um exemplar deste livro, e, se ele achar conveniente, que entre em contato comigo.

Se isso chegar a acontecer, não pense, Chaves, que não darei valor à nossa possível amizade. Eu só quero lhe agradecer. Agradecer infinitamente por tudo o que me deu esse personagem incomparável que é o Chaves.



Histórico

Por Florinda Meca

Pelas ruas de Bogotá se aglomera uma multidão composta por um número de pessoas que, segundo cálculos oficiais do governo colombiano, ultrapassa 3 milhões. Inevitavelmente, há empurrões, apertos, desmaios, ataques histéricos etc. Tudo isso em conseqüência do incontrolável afã de contemplar o ídolo; ou de tocá-lo, se possível fosse.

Mas quem é essa importante figura que provoca tudo isso? Um herói nacional? Um campeão mundial de esporte? O Santo Papa?

Não. Nesta ocasião, a personalidade não é ninguém mais que uma criança pobre.

Mentira!... E um adulto disfarçado de criança pobre, e as pessoas sabem disso! Mas o que é que tem? De qualquer jeito, estamos falando do "Chaves".

Podia-se recorrer a especialistas em psicologia de massas, e ainda assim seria difícil encontrar uma explicação para o fenômeno. Portanto, é melhor nos

contentarmos em expor os fatos:

Tudo começou num dia de março de 1972, quando o escritor e ator mexicano Roberto Gómez Bolanos (mais conhecido por Chespirito ") apresentou na televisão o primeiro programa do seriado que comoveria um continente inteiro e boa parte do resto do mundo. No seriado aparece o ator, que já havia alcançado a idade adulta há muito tempo, vestido como uma criança pobre: sapatos velhos, grandes pra ele; calça puída, cheia de buracos e remendos; camiseta nas mesmas condições; duas tiras de pano fazendo o papel de simples suspensórios; e, além de tudo, um gorro com tapa-orelhas que viria a ser a principal característica de sua indumentária. E carente de tanta coisa, que nem parece ter um nome próprio. Mas nem isso faz falta para ele, porque seu apelido, "Chaves", será ouvido e repetido semanalmente por mais de 300 milhões de telespectadores (e esse número continua crescendo). Dizem — eventualmente — que mora na casa número 8 de uma velha porém limpa vila, e daí vem seu apelido. Mas ninguém viu essa casa até hoje. Por outro lado, muitas vezes foi visto refugiando-se num barril que fica no pátio da vila, o que fez com que muitas pessoas dissessem que era ali onde morava o popular Chaves, apesar de ele ter explicado, repetidas vezes, que o barril era só o que dissemos algumas linhas acima: um refúgio, esse cantinho especial que todas as crianças têm e no qual elas costumam se esconder pra chorar, sonhar etc.

Ignora-se quem foram seus pais, quando nasceu e de onde veio. Sabe-se, por outro lado, que ele não tem brinquedos e quase nunca toma café-da-manha. No entanto, em muitas ocasiões, o personagem demonstra otimismo. Talvez porque no fundo saiba, como disse seu criador, que possui o bem mais valioso de

todos: a vida.

O seriado tem por objetivo divertir e entreter, e consegue atingir essa meta muito melhor do que qualquer outro programa que a televisão do continente já tenha apresentado (incluindo a TV norte-americana). Mas nem sempre consegue isso pelo fato de arrancar gargalhadas do público, porque em muitas ocasiões é a ternura que constitui o elemento principal da diversão. E não será justamente essa ternura o fundamento e a explicação do inacreditável fenômeno que representa o Chaves? Porque, por outro lado, nem sequer é o mais "piadista" dos personagens que compõem o maravilhoso elenco do programa, pois neste caso destacam-se fortemente Seu Madruga, a Chiquinha ou o Quico.

E então?

A ternura.

Porém, o Chaves tem outra característica que o distingue de todos os outros adultos que tenham representado uma criança, seja na TV, no cinema, no rádio, no teatro ou em qualquer outro meio similar: o Chaves não é o menino levado, nem o menino inteligente, nem o bobo demais, nem o bonito - também não é o mais feio -, não, o Chaves é simplesmente o mais meigo.

Mas independentemente de que se deva à infinita ternura que inspira, ao quanto diverte e entretém ou a qualquer outra razão, o impacto é extraordinário. Quando sua chegada a Santiago do Chile é anunciada, a euforia popular indica que os estudantes irão recebê-lo no aeroporto em vez de ir à escola. E as autoridades do Ministério da Educação não deixam que isso represente uma falta... declarando feriado geral e informando que a razão é somente esta: possibilitar às pessoas a oportunidade de verem seu ídolo. Este, então, desfila em

companhia de seu popular grupo, seguido por uma multidão que vem desde o distante aeroporto até a porta do hotel onde ficará hospedado.

Noutra cidade da mesma República do Chile, Valparaíso, a multidão permanece horas e horas na porta do hotel, mostrando-se feliz pelo simples fato de o Chaves e seus companheiros acenarem para eles. E mais: a multidão começa a cantar espontaneamente "Lá vem o Chaves", a música-tema do grupo.

Depois, as apresentações pessoais não só tornam a confirmar a popularidade do Chaves, como também criam marcas inigualáveis. Por exemplo: duas apresentações no mesmo dia (uma pela manhã, outra à tarde), no Estádio Nacional de Santiago do Chile, que tem capacidade para 80 mil pessoas e fica lotado nas duas apresentações, como ficou na célebre encenação da Quinta Vergara, onde se realizam os famosos festivais de música de Vinha dei Mar, lugar em que o Chaves e seu grupo bateram recorde de audiência, obrigando grande parte do público a se "instalar" nas montanhas vizinhas.

Caracas, Venezuela

Os empregados do hipódromo seguem para o trabalho pelo mesmo caminho e à mesma hora de sempre. Mas não haviam se dado conta de que, neste mesmo caminho, e à mesma hora, milhões de motoristas dirigem-se a um lugar perto do hipódromo: o espetacular auditório chamado O Poliedro, onde se apresentam o Chaves e seu grupo. Resultado: o engarrafamento impede que os funcionários do hipódromo cheguem a tempo ao trabalho. Conseqüentemente, as três primeiras corridas ocorrem sem os bilheteiros que recebem as apostas, o que faz com que a empresa deixe de ganhar algo em torno de 3 milhões de bolívares.

Segunda conseqüência: a partir deste dia, as autoridades decretaram que não haverá mais espetáculos no Poliedro nos mesmos dias em que haja corridas no hipódromo.

Buenos Aires, Argentina

"Estão loucos", comenta alguém; "o Luna Park só enche quando tem luta do Monzón ". (Carlos Monzón, o lutador de boxe mais popular da Argentina). "Como é que este grupo mexicano tem a pretensão de fazer cinco apresentações consecutivas nesse lugar?"

Disseram isso ao empresário que havia contratado o Chaves, que sabia o que estava fazendo, pois o espetáculo lotou o gigante e popular auditório (Luna Park) não apenas nas cinco apresentações previstas, mas também nas outras que tiveram de acrescentar. (E ainda assim ficou tanta gente do lado de fora, por falta de lugar, que poderiam ter organizado mais sessões extras, não fosse o compromisso de se apresentarem em outras cidades, como Córdoba, Rosário, Mar dei Plata, Mendonza, Tucumán, Santiago dei Estero etc, onde também lotaram os lugares.)

Aqui seria interessante fazer uma pausa no tempo para voltar ao mesmo lugar nove anos depois. Quantos booms se repetem depois de nove longos anos? Este! Sim, porque o grupo volta ao lugar contratado nesta ocasião para fazer sete apresentações, e não só consegue lotar as arquibancadas do Luna Park novamente, como também tem de fazer, outra vez, mais duas apresentações além das programadas, até alcançar o insuperável recorde de nove dias consecutivos.

Nesta ocasião, na mesma Buenos Aires, um homem se aproxima para tirar uma fotografia com o Chaves, garantindo que "dentro de dois anos aquela

fotografia ocuparia um lugar de destaque na Casa Rosada, residência oficial do governo argentino ". Este homem se chamava Carlos Menem.

Lima, Peru

"As pessoas dirigiram-se ao aeroporto até de bicicleta para receber o Chaves. "Assim dizia a notinha do jornal referindo-se à chegada do popular personagem. Mas a multidão não se limitou a chegar da maneira que pôde, e sim, além disso, derrubou a cerca que delimita o espaço das pistas de aterrissagem e as invadiu, exigindo uma operação de resgate por parte da segurança do aeroporto para poder tirar os atores mexicanos em ambulâncias que vieram em seu socorro. O trânsito aéreo sofreu um atraso de duas horas, tempo que o exército levou para retirar (sem nenhuma violência, evidentemente) as mais de 50 mil pessoas da pista.

Panamá, Panamá

Depois de ter lotado todos os locais onde se apresentaram, Chaves e seu grupo são convidados à casa do senhor Demetrio Laças, presidente da República. No encontro estão presentes ministros do Gabinete, o governador da Província do Panamá e um sem-número de personalidades.

San Juan, Porto Rico

O prefeito entrega as chaves da cidade ao Chaves. Não há lugar na ilha onde não o conheçam. O público enche até lotar todos os lugares onde o grupo se apresenta, seja em San Juan, Ponce, Mayagüez, Arecibo, Aguadílla, Bayamón etc.

Nova York, EUA

Madison Square Garden, cenário de luxo reservado exclusivamente para as

grandes celebridades do universo do espetáculo. E claro: uma dessas celebridades é o Chaves, que consegue lotar o lugar com um público que não pára de rir ou aplaudir durante toda a apresentação. Ao terminar, um policial negro aproxima-se do Chaves e diz: "Eu não sei uma única palavra em espanhol... mas você é maravilhoso!"Eaperta sua mão efusivamente.

São Pedro Sula, Honduras

Chaves e seu grupo não podem entrar no hotel onde se hospedariam porque uma multidão, tendo sabido que ficariam lá, invadiu o local e uma área equivalente a três quadras em volta do hotel. Com isso, vêem-se forçados a se hospedar num <ar secreto.

Guatemala, El Salvador, Nicarágua, Costa Rica

As ideologias podem ser diferentes, mas o fervor popular volta-se para um só alvo: o Chaves. E pode até haver problemas na região, mas nada que impeça que todos os locais sejam insuficientes quando se apresentam o Chaves e sua turma.

E a história se repete no Equador, Uruguai, Paraguai; mas não apenas os locais abarrotados atestam o mencionado fervor popular. Não, o fenômeno adquire características de ordem sociológica quando, por exemplo, o presidente da República da Colômbia oferece uma recepção para o Chaves na própria Casa Civil, onde tanto ele como seus ministros tiram suas gravatas para que a reunião assuma um caráter mais descontraído.

E depois, as frases características:

O taxista de Buenos Aires: "Imagina, não é nada; não posso cobrar daquele que levou tanta felicidade para minha casa. "

A primeira-dama de Vinha dei Mar: "Façam-me o favor de receber esta casa de presente. E a única maneira de pagar a alegria que vocês proporcionam aos meus netos. "

O diplomata da Guatemala: "Vocês são os melhores embaixadores que o México, ou qualquer outro país, já enviou a esta terra. "

Um político da Costa Rica: "Chaves, se você concorresse à presidência deste país, ganharia com 99% dos votos. "

Uma criança de Sanjuan: "Toma aqui, Chaves: só tenho dois dólares, mas são pra você comprar um sapato novo. "

Uma criança de El Salvador (que estava no México): "Fiz essa viagem do meu país até o seu — de carona — só pra cumprimentá-lo pessoalmente, Chaves!"

Crianças, adolescentes, idosos, homens e mulheres de todo o continente: "Obrigado, Deus os abençoe, obrigado, obrigado..."

Um professor de uma escola equatoriana: "Recomendo que meus alunos não percam o programa do Chaves; é mais proveitoso do que muitos livros que vemos por aí. "

O menino que vende lembrancinhas aos passageiros de ônibus em Guatabita, Colômbia: "Olha, Chaves, aqui tenho um exemplar seu!" E mostra um Chaves entalhado em madeira, que usa no pescoço. Depois: "Toma, Chaves, fica



com esse de presente!" - a mercadoria que estava vendendo.

Depois o Chaves invade o Brasil (dublado para o português, é claro) e, em pouco tempo, a audiência do programa ultrapassa a marca da Xuxa, o insuperável ídolo local.

Cruza depois o oceano. Mas não fica apenas na Espanha, onde seu sucesso é geral e imediato, mas se estende por muitos outros países. E os dubladores de plantão permitem que se ouça o Chaves em italiano, russo, chinês, hindu etc.

E algum dia a História terá de registrar tudo o que diz respeito a este fenômeno. Para mim, enquanto isso, fica a satisfação de ter participado desta inigualável história, a que dou fé com esse diário.

Este livro foi distribuído cortesia de:



Para ter acesso próprio a leituras e ebooks ilimitados GRÁTIS hoje, visite:
http://portugues.Free-eBooks.net

Compartilhe este livro com todos e cada um dos seus amigos automaticamente, selecionando uma das opções abaixo:



Para mostrar o seu apreço ao autor e ajudar os outros a ter experiências de leitura agradável e encontrar informações valiosas, nós apreciaríamos se você
"postar um comentário para este livro aqui" .



Informações sobre direitos autorais

Free-eBooks.net respeita a propriedade intelectual de outros. Quando os proprietários dos direitos de um livro enviam seu trabalho para Free-eBooks.net, estão nos dando permissão para distribuir esse material. Salvo disposição em contrário deste livro, essa permissão não é passada para outras pessoas. Portanto, redistribuir este livro sem a permissão do detentor dos direitos pode constituir uma violação das leis de direitos autorais. Se você acredita que seu trabalho foi usado de uma forma que constitui uma violação dos direitos de autor, por favor, siga as nossas Recomendações e Procedimento de reclamações de Violação de Direitos Autorais como visto em nossos Termos de Serviço aqui:

http://portugues.free-ebooks.net/tos.html